MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES:ESPECIALIZAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS

“OS CEMITÉRIOS NO BAIRRO FRAGATA: UMA RELAÇÃO ENTRE O ANTIGO E O CONTEMPORÂNEO”

AGNALDO LEON LUCAS

PELOTAS
2006

AGNALDO LEON LUCAS

“OS CEMITÉRIOS NO BAIRRO FRAGATA: UMA RELAÇÃO ENTRE O ANTIGO E O CONTEMPORÂNEO”

Monografia apresentada junto ao curso de Pós Graduação em Artes, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Patrimônio Cultural: Conservação de artefatos, sob a orientação da Profª Ana Lúcia Costa de Oliveira.

Pelotas

2006

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....IV
INTRODUÇÃO.....01
1 - OS CEMITÉRIOS COMO EXPRESSÃO.....04
1.1- Cemitérios que se tornaram muito conhecidos.....08
1.1.1- Cemitério Pére - Lachaise.....09
1.1.2 - Cemitério da Recoleta.....10
1.1.3 - Os Cemitérios no Brasil.....11
2 - SURGIMENTO DOS PRIMEIROS CEMITÉRIOS EM PELOTAS E AS EPIDEMIAS..14
2.1 - Cemitério da Santa Cruz.....14
2.2 - Cemitério da Igreja Matriz.....15
2.3 - Cemitério do fundo da Igreja.....16
2.4 - Cemitério da Rua do Passeio.....16
2.5 - Outros Cemitérios.....17
2.6 - Mortes por epidemias no século dezenove e início do século vinte e o surgimento de novos cemitérios.....19
3 - OS CEMITÉRIOS NO BAIRRO FRAGATA.....24
3.1 - Cemitério Antigo das elites.....31
3.2 - Capela do Senhor do Bonfim.....42
3.3 - As Irmandades católicas em Pelotas.....44
3.4 - Cemitério de sepulturas rasas.....47
3.5 - Cemitério dos alemães.....51
3.6 - Cemitério dos Judeus.....54
3.7 - Cemitério São Francisco de Paula.....55
4 - O ESTUDO DE CASO.....57
4.1 - O instrumento de pesquisa – as entrevistas e seus resultados.....57
4.2 - As diferentes utilizações dos cemitérios em Pelotas.....67
4.3 - Destruição e roubo: uma característica da atualidade.....71
4.4 - Cemitério Antigo versus crescimento vertical.....77
CONCLUSÃO.....82
BIBLIOGRAFIA.....85
ANEXOS.....88

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGENS

Figura 1 -Túmulo de cemitério europeu.....04
Figura 2 - Estátua para túmulo.....06
Figura 3 - A figura do Anjo alado..... 07
Figura 4 - Uma imagem infantil.....07
Figura 5 - Sobrados de arquitetura européia.....08
Figura 6 - Foto aérea do cemitério do Fragata.....24
Figura 7 - Túmulo de 1884.....27
Figura 8 - Janela do portal de acesso com símbolo católico.....28
Figura 9 - Túmulo das irmãs franciscanas.....29
Figura 10 - Monumento do cemitério.....29
Figura 11 - Jazigo de Luiz Petrucci.....31
Figura 12 - Portal de entrada do cemitério das elites.....32
Figura 13 - Mausoléu antigo.....32
Figura 14 - Jazigo da Família Py Crespo.....33
Figura 15 - Fonte do cemitério.....34
Figura 16 - Jazigo de Dora 34
Figura 17 - Jazigo do Coronel Annibal Antunes Maciel.....34
Figura 18 - Jazigo de Domingos Roiz Ribas.....35
Figura 19 - Jazigo de João Antônio de Oliveira.....35
Figura 20 - Jazigo da família do Major Felisberto da Cruz Piegas 35
Figura 21 - Jazigo de Domingos Felix da Costa.....35
Figura 22 - Jazigo de Vicente Martines Castinheira.....36
Figura 23 - Jazigo de Jose Bento de Campos e Corina Vinhas de Campos.....36
Figura 24 - Jazigo do Major Ciriaco Crespo e esposa.....37
Figura 25 - Jazigo do Dr. Frederico Bastos.....37
Figura 26 - Jazigo de Amelinha.....38
Figura 27 - Jazigo de Antônio Caringi.....38
Figura 28 - Jazigo da família de Plotino Duarte.....39
Figura 29 - Túmulo da Cigana Terena.....39
Figura 30 - Túmulo do poeta Lobo da Costa.....40
Figura 31 - Túmulo do Conde de Piratiny.....41
Figura 32 - Túmulo do Barão de Correntes.....41
Figura 33 - Fachada da capela do Senhor do Bonfim.....42
Figura 34 - Cúpula da capela do Senhor do Bonfim.....43
Figura 35 - Portal da Irmandade S.V. de Paula.....46

Figura 36 - Campo Santo, cemitério de sepulturas rasas 47
Figura 37 - Monumento da Cruz.....48
Figura 38 - Túmulo de artista.....48
Figura 39 - Túmulo em meio ao mato.....49
Figura 40 - Portal de entrada Cemitério dos alemães.....51
Figura 41 - Jazigo da família de Fredrich Carl Lang.....52
Figura 42 - Anjo quebrado no cemitério dos alemães.....53
Figura 43 - Antigo portal do Cemitério. dos judeus.....54
Figura 44 - Portal secundário do cemitério vertical.....56
Figura 45 - Jazigo da família de Joaquim Kramer.....67
Figura 46 - Oferendas no túmulo.....69
Figura 47 - Freqüentadores noturnos do cemitério de Pelotas.....69
Figura 48 - Túmulo violado.....70
Figura 49 - Estátua quebrada pelo vento.....71
Figura 50 - Estátua vandalizada.....71
Figura 51 - Anjos queimados por incêndio.....72
Figura 52 - Estátuas de mármore roubadas.....73
Figura 53 - Jazigo da família de Plotino Duarte.....74
Figura 54 - Três etapas.....75
Figura 55 - Capela de mármore.....76
Figura 56 - Vista superior do cemitério das elites.....77
Figura 57 - Vista do cemitério vertical.....81

QUADROS

Quadro 1 - Planta de Pelotas 1815.....17
Quadro 2 - Mapa de distribuição dos cemitérios no Fragata.....25
Quadro 3 - 1ª Planta de Pelotas 1815.....96
Quadro 4 - 2ª Planta de Pelotas 1835.....97

GRÁFICOS

Gráfico 1 - como avaliar o rápido processo de destruição dos cemitérios.....57
Gráfico 2 - qual a opinião sobre a condição atual do cemitério antigo de Pelotas.....60

TABELAS

Tabela 1 - Número de pessoas por processos de preservação.....61
Tabelas 2 - Quem deveria se responsabilizar pela restauração e conservação dos artefatos tumulares antigos de Pelotas.....63

INTRODUÇÃO

Como se reconhece uma cidade? Será somente quando a ela somos apresentados, quando caminhamos pelas ruas, observando as características dos prédios, seus traçados, igrejas, teatros, bibliotecas, cafés, ou quando lemos o jornal, ou será quando observamos as pessoas nas ruas, e suas maneiras?

Certamente todas essas ocorrências não irão mostrar significativamente o perfil dessa cidade, mas apenas a atualidade, pois esta localidade, certamente, teve um passado que a fez ser o que é hoje, quem foram seus habitantes que ali viveram e lançaram os primeiros alicerces, que legados deixaram para as gerações posteriores?

> Cada geração dá uma interpretação diferente ao passado e dele extrai novas idéias. Qualquer diminuição desse capital e, portanto mais um empobrecimento, cuja perda em valores acumuladores não pode ser compensada, mesmo por criações de alta qualidade.(Cartas Patrimoniais, 1995: 247) Manifesto de Amsterdã 1975.

É, exatamente nesse contexto, que se inserem os cemitérios, locais que não se reduzem à apenas cruzes sepulcrais as quais marcam túmulos esquecidos; mas o local onde repousam os restos daqueles antepassados que enriqueceram de vida e foram responsáveis pela transformação de anos, décadas e séculos de uma cidade.

No transcorrer deste trabalho monográfico, pretende-se fornecer uma visão geral da situação em que se encontra o grande cemitério do bairro Fragata. Será dado maior ênfase ao cemitério antigo das elites, criado em 1855, após uma epidemia de cólera.

Esse cemitério surgiu num período em que a cidade lograva de excelente situação econômica, devido ao desenvolvimento das charqueadas.

Foi um período de grande desenvolvimento econômico, quando os charqueadores enriquecidos com a produção e exportação do charque, constroem vários palacetes no centro urbano da nova e próspera Pelotas. O mesmo ocorreu

com a última morada, onde belos e luxuosos túmulos foram construídos, a partir de modelos europeus, feitos com mármore, bronze e pedra.

Pretende-se com esse trabalho, tentar impedir que o processo de abandono e destruição em que se encontra esse cemitério continue. Acredita-se que, quanto mais pessoas divulgarem o assunto melhor será a conscientização da comunidade.

Além disso, pretende-se avaliar a formação dos antigos cemitérios que existiram em Pelotas, e os respectivos espaços urbanos que esses locais ocuparam dentro da cidade. Será feito, também, um breve estudo das epidemias, de cólera, febre tifóide e gripe espanhola, as quais motivaram um considerável aumento de mortos. Um dos capítulos irá fazer uma comparação entre o cemitério antigo e o vertical.

Os cemitérios são espaços que causam paradoxalmente, estranhamento e fascínio. No entanto, observa-se que eles vêm sendo pouco estudados nas mais diversas áreas do conhecimento, como na geografia, por exemplo.

Este trabalho partiu da seguinte questão: se o novo cemitério vertical recebe total atenção, proteção e conservação, como divulgam os meios de comunicação, por que o cemitério antigo que também faz parte do patrimônio como um todo, encontra-se em acelerado processo de destruição e abandono?

O objetivo geral consiste em comparar o cemitério antigo com o cemitério vertical, fazendo uma relação com a atual cultura da sociedade de Pelotas, que muitas vezes destrói o antigo para dar espaço ao novo. Os demais objetivos foram: identificar os primeiros cemitérios de Pelotas e sua localização; analisar os diversos cemitérios que compõem o grande cemitério do Fragata; avaliar o estado de danificação de alguns artefatos do cemitério antigo e localizar em mapas os diferentes cemitérios do Fragata.

Como metodologia, a presente monografia embasou-se, primordialmente na coleta de dados no local da pesquisa, com o objetivo de atestar o estado de conservação dos monumentos funerários. Foram feitas pesquisas bibliográficas e entrevistas com historiadores e pessoas ligadas ao cemitério, como também com órgãos públicos e privados.Chizzoti (1991) escreve que:

> Na pesquisa qualitativa, todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos: a constância das manifestações e sua ocasionalidade, a freqüência e a interrupção, a fala e o silêncio. É necessário encontrar o significado manifesto e o que permaneceu oculto. Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos, e todos os seus pontos de vista são relevantes. (p. 84)

A presente pesquisa constituiu um estudo de caso de caráter qualitativo e participativo. Dessa maneira, todas as pessoas que participaram com suas vivências são consideradas elementos capazes de elaborar o conhecimento.

O primeiro capítulo faz uma breve descrição do surgimento dos primeiros cemitérios em diferentes partes do mundo. No segundo capítulo aborda-se a formação de Pelotas e o surgimento dos primeiros cemitérios em Pelotas e as epidemias que ocorreram na cidade de 1855 a 1920. Com o terceiro capítulo realizou-se um histórico da formação do grande cemitério do Fragata, do seu surgimento até a atualidade. O quarto capítulo trata do estudo de caso baseado em entrevistas, onde se compara o cemitério antigo com o vertical e abordam-se as diferentes utilizações do cemitério.

Na conclusão deste trabalho o leitor poderá avaliar a situação em que se encontra o grande cemitério do Fragata, e a importância da preservação dos monumentos tumulares antigos e a relação destes elementos com cultura arte e história para a cidade de Pelotas.

1 - OS CEMITÉRIOS COMO EXPRESSÃO

Cemitério é o lugar onde os mortos são enterrados (é um lugar onde se enterram ou acumulam produtos, tipicamente resíduos e detritos). Mas os cemitérios também podem nos dar valiosas informações.

Podem ser fontes históricas, podem conter objetos da memória familiar bem como são lugares que atestam o gosto estético de uma época. Também atestam ideologias políticas e indicam a divisão de classes. Quando antigos, evidenciam-se como formas de patrimônio cultural sendo possível, por meio de suas esculturas, túmulos, mausoléus evidenciar múltiplos aspectos, desde o movimento artístico até a religiosidade de uma época.

> A morte que não poupa nenhum ser vivo, atinge também as obras dos homens. E necessário saber reconhecer e discriminar nos testemunhos do passado aquelas que ainda estão bem vivas. Nem tudo que é passado tem, por definição, direito à perenidade. (Cartas Patrimoniais, 2000: 52)

Como forma artística, essas áreas podem oferecer informações através de análises de epitáfios, de fotos tumulares, da simbologia das obras funerárias e de suas expressões artísticas dos monumentos antigos (figura1) Também constituem-se fonte reveladora da perspectiva de vida.

Figura 1 -Túmulo de cemitério europeu

Fonte: Arquivo do autor

A palavra morte, não sendo bela, tem, contudo a sua dignidade; tanto ela como as que dependem do seu radical: morto, mortal, mortalidade, defunto, cemitério, cadáver, esqueleto, caveira, cova, sepultura, féretro, múmia, embalsamar, velório, funeral, moribundo, ossuário, formol, necrotério, necrópole, inumar,exumar etc, possuem sua ligação com o afastamento de um ente querido.

Aliás é natural que as pessoas escarneçam da morte e dos seus derivados como se escarnece do Diabo: vale como único recurso do medo, que a zombaria é uma defesa.

Mas o que ocorre quando um ente querido morre: ele é sepultado e acabou? Parece muito simples, mas para muitos, a morte é apenas uma transição, um renascimento. No entanto, cada um concebe a morte de acordo com sua concepção.

Para alguns, a morte é o fim de tudo; é a morte da personalidade; outros acreditam no retorno para uma alma universal; outros, que a alma reencarna sucessivamente.

Há aqueles que acreditam em infernos, purgatórios, limbos e regiões de provações, onde a alma deveria responder por suas atitudes durante a vida. Alguns acreditam no repouso eterno, ou na ida para o céu; mas enfim, o mistério da morte só será revelado, no momento em que esta se encontrar no caminho de cada ser.

Em muitas culturas do Oriente, o nascimento significa o momento de dor e sofrimento, já a morte é vista como se a pessoa fosse reviver; diferentemente da cultura ocidental, na qual a morte se afigura com mais intensidade de sentimento de perda, de falta e do fim. Por este motivo e por conceber que algo como o espírito ainda poderá continuar existindo, constroem-se monumentos tumulares para manter viva a memória do defunto.

> Foram necessários vários séculos para que o homem viesse a pensar no animismo e que a palavra espírito se concretizasse no termo alma.
> E uma conseqüência natural do culto aos mortos seria oferecer a eles, para sua vida eterna, tudo que necessitariam, já que onde viveriam – na tumba – não encontrariam meios de sobreviver. Essa prática de oferendas mortuárias, realizadas quando da sepultação do corpo do morto, perdura até hoje sob a forma de deposição de flores e outras dádivas nas sepulturas. Todavia, este costume persistiu durante muitos séculos no Egito Antigo, sob a forma de esquifes de ouro, jóias, adornos, e escravos sepultados vivos junto ao senhor. No Egito antigo, a alma era imortal e de natureza divina, pois mesmo depois de separada do corpo continuava a viver, viajando para a eternidade. (Negrães, 1982 : 10)

Foi no Egito antigo que a produção de arte tumular teve seu maior destaque com uma grande imponência religiosa, inclusive a arte era quase toda direcionada para adornar a ultima morada.

E foi com a civilização grega que surgiram as primeiras lápides de pedra, como forma de identificar túmulos.

Os cemitérios, como hoje são conhecidos, surgiram da necessidade de melhorar a qualidade de vida nos centros urbanos. Foi a partir do século XVIII que começaram a se distanciar os mortos dos vivos, evitando, assim, doenças como cólera e peste bubônica.

Foi na chamada “belle époque” período iniciado por volta de 1880 e que se prolongou até 1914 que a arte européia se revigorou. Os objetos requintados passaram a decorar os túmulos (figura 2) os quais eram produzidos a princípio artesanalmente.

Figura 2 - Estátua para túmulo
Fonte: Arquivo do autor

A partir daquele momento, iniciou-se a “art noveau”, período que marcou a produção de caráter industrial da estrutura arquitetônica e escultural dos jazigos.

A utilização dos recursos mecânicos, ferramentas e novas técnicas da metalurgia e fundição propiciavam uma rentabilidade muito maior ao antigo artesão.

Com o advento da produção mecânica, estabeleceram-se novas características que denunciavam os processos recém criados. A fundição fornecia portões e grades, cercaduras, cruzes e vigas metálicas, objetos pré-moldados etc. O escultor assume um papel de “autor intelectual”, cabendo ao estatuário confeccionar as obras com ajuda de ferramentas elétricas e mecanismo que facilitavam a produção e a reprodução.

Houve também uma mudança significativa na transição entre os períodos da “belle époque” ao da “art noveau”, que traduzia as novas intenções e a espiritualidade dos artistas. A simbologia escatológica (tradicional, e quase obrigatória) foi deixada de lado, tanto nas figuras individuais, como num contexto na distribuição geral da alegoria.

Em seu lugar, passaram a ser usadas imagens de um teor lírico, porém realista. A figura do Anjo alado e assexuado assume uma aparência humanizada, e a condição de personagem do cotidiano (figura 3).

Figura 3 - A figura do Anjo alado
Fonte: Arquivo do autor

Por vezes, uma imagem infantil,(figura 4) outras vezes adolescente, torna-se um Anjo de procissão, acessível e impregnado de realismo.

Outro ponto de sensível mudança na “belle époque” foi a inserção de alegorias, simbolizando prosperidade, prestígio e fortuna. A presença de figuras pagãs, como Hermes (deus do comércio) ou mitológicas também eram constantes.

Figura 4 - Uma imagem infantil
Fonte: Arquivo do autor

1.1 – Cemitérios que se tornaram muito conhecidos

Qualquer pessoa que viaje por diferentes culturas vai notar que os cemitérios, além de serem um lugar muito calmo, também são um dos lugares onde as manifestações culturais podem ser mais espontâneas. Afinal, desde os primeiros tempos, os humanos homenageiam os mortos, e tais demonstrações ocorrem de maneiras diferentes, sempre indicando o que cada cultura tem de mais específico.

Nos cemitérios mais antigos, é comum encontrarem-se trabalhos de artistas famosos, abrigando os restos de anônimos abastados. Em alguns casos, os mausoléus são verdadeiras obras de valor estético, alvos de visita e turismo.

> Nossos "Campos Santos" não representam apenas a última morada para nossos entes queridos. São expressões sociológicas de etnias, de classes sociais, de culturas religiosas, de filosofias, de simbolismos, de estilos arquitetônicos e em alguns túmulos, se vê expresso algo comum a todos nós: a vaidade humana, perpetuada após a morte. (Telles, 1977; 81)

Muitos cemitérios antigos fazem parte do roteiro histórico de visitação em diversas regiões do mundo como, por exemplo, o cemitério Père-Lachaise em Paris, na França, e o Cemitério da Recoleta em Buenos Aires, na Argentina, os quais demonstram a história social e artística dessas regiões. Esses cemitérios locais são necrópoles (cidade dos mortos) consideradas "pontos turísticos" por sua beleza escultural, e também pela importância dos que ali, descansam "eternamente".

1.1.1 - Cemitério Père-Lachaise

Foi em 21 de maio de 1804, que se abriram os portões do cemitério de Père-Lachaise, em Paris**.** É uma data festiva para o tafófilo, sujeito que aprecia as necrópoles como obras de arte. Diferentemente do necrófilo e sua atração sexual pelos cadáveres, o tafófilo busca, entre os túmulos, uma epifania, uma revelação estética e espiritual sobre o sentido da vida.

O cemitério se estende sobre o Mont-aux-Vignes, uma das sete colinas em torno do miolo da capital francesa. Lá, no século XII, cultivavam-se cereais, legumes e, sobretudo, vinhedos. No século XV, ele virou propriedade de Régnault de Wandonne. No século XVII, a mansão foi comprada para uso da ordem dos jesuítas. Entre eles, estava o Père de La Chaise, confessor do rei Luís XIV.

O nome Père-Lachaise foi ficando, sobrevivendo a sucessivos proprietários, e nunca deixou que o campo santo, aberto em 1804, fosse conhecido por seu nome oficial, "Cemitério do leste".

Sua inauguração deu-se rapidamente, visto que os outros cemitérios parisienses transbordavam de ossos. Como, entretanto,o leste, pobre e distante do nobre centro da cidade, era malvisto pelos abonados parisienses a quem se destinava, o Père-Lachaise demorou a ser aceito.

No ano de sua abertura, apenas 13 pessoas foram sepultadas ali. Preocupados, os responsáveis pelo lugar, decidiram apelar para o marketing: em 1817, transferiram para lá os restos mortais do comediógrafo Molière, do poeta e fabulista La Fontaine, do escritor Beaumarchais e do mítico casal de amantes proibidos da Idade Média, Abelardo e Heloísa.

Em 1824, o Père-Lachaise teve de ser ampliado pela primeira vez e, em 1830, já acolhia cerca de trinta mil sepulturas. Afinal, tornara-se um sucesso.

Assim como há turistas que vão a Paris conhecer o Museu do Louvre e a Torre Eiffel, há, (por incrível que pareça), milhares que vão para visitar o Père-Lachaise, onde estão enterradas cerca de 300 personalidades catalogadas pela direção. "Há túmulos para todos os gostos". Lá, residem ilustres como Frédéric Chopin, Allan Kardec, Oscar Wilde, Édith Piaf, entre outros.

1.1.2 – Cemitério da Recoleta

No ano 1822, destinou-se parte da horta que pertencera aos frades recoletos para construir o cemitério inaugurado em 1822, tornando-se, então, o mais famoso cemitério da capital do tango, Buenos Aires (Argentina), o qual atrai centenas de curiosos todos os anos ao túmulo de sua mais ilustre "moradora": Eva Maria Duarte, a Evita Perón (1919-1952).

Um passeio ao cemitério da Recoleta permite entrever que, no início do século passado, formou-se uma elite rural extremamente rica, num círculo de famílias com figuras eminentes, as quais concentravam a riqueza nacional, enquanto o povo padecia com a fome. Uma elite sedenta de identificar-se com a Europa, ostentava suas limitações com todos os sinais exteriores de pujança e exagero. Lá estão enterradas as principais personalidades da história argentina, de 1862 a 1930, como Domingo F. Sarmiento, Facundo Quiroga, Juan Manuel de Rosas, Bartolomé Mitre, Nicolás Avellaneda; entre outros.

A julgar pela exuberância extremada dos mausoléus da Recoleta, as grandes famílias deveriam competir umas com as outras até no momento da morte. São gigantescas construções, cercadas de inúmeras estatuetas, com detalhes arquitetônicos tão ricos quanto excessivos - muitos mausoléus são quase verdadeiras casas, inclusive com 'ante-sala' (na verdade capelinhas), onde há em geral um altar, cadeiras e outros elementos decorativos, como mesinhas e estátuas. Mas basta olhar mais de perto o seu interior para se perceber que foram, literalmente, abandonados.

Há visitas guiadas que podem ser agendadas na frente do cemitério. Pode-se entrar livremente no local, mas dificilmente vão-se encontrar os túmulos mais importantes, pois o local é imenso. As visitas duram 90 minutos, e custam três pesos e acontecem sempre aos sábados e domingos, às 16h.

1.1.3 – Os Cemitérios no Brasil

No Brasil colônia, os mortos eram enterrados em terrenos próximos às igrejas, em túmulos de construção simples; somente os nobres e religiosos eram enterrados dentro das igrejas. Os primeiros túmulos luxuosos surgiram com o enriquecimento da burguesia, que prosperava com a produção de café e charque por volta do século XIX. Sobre esse assunto Pereira (2002) esclarece que:

> Os primeiros grandes túmulos do Brasil monárquico, surgem numa época em que a burguesia começa a triunfar com seus negócios comerciais, bancários, de charque e na produção do café. Em Pelotas, a construção dos mausoléus e sepulturas ricamente adornados definem as classes sociais após a morte, já que os pobres são sepultados no chão, individualmente ou empilhados, e de preferência distantes do Campo Santo da elite da época. (p.03)

A arte cemiterial brasileira teve seu início no final do século XIX e início do XX. Nesse momento, reuniram-se famílias com recursos financeiros e a intenção de construir túmulos suntuosos, a partir do trabalho de artistas famosos da Europa, principalmente os italianos.

As obras encontradas em cemitérios brasileiros, no período da Primeira República, seguem modelos provenientes do estilo neoclássico, eclético e “art nouveau”, reproduzidos, em sua maioria, de manuais especializados da Europa. Muitos se apropriaram de materiais regionais e valores culturais, dando um enfoque característico dos locais em que eram construídos.

É nesse período que Brecheret produz suas peças modernistas nos cemitérios brasileiros. Emendabili, Oliani e Nicola Muniz denotam monumentalidade e sensualismo em sua esculturas. A presença do nu é considerada uma grande inovação.

Na segunda metade do século XIX, o imigrante europeu no Brasil possuía a necessidade de eternizar-se perante a sociedade e fazer do seu túmulo um símbolo de prosperidade, junto aos seus compatriotas. Assim, os jazigos eram

confeccionados por artistas trazidos da Europa, especialmente para adornar a morada definitiva.

Em alguns cemitérios de São Paulo -principalmente o do Brás,- os conjuntos de capelas refletiam a atmosfera doméstica dos bairros italianos da cidade. Na verdade, a intenção das famílias imigrantes era fazer dos túmulos, extensões do próprio lar. Os aspectos monumentais, ou humildes dos mausoléus representavam, indiretamente, a importância de determinadas famílias perante a sociedade da época.

Durante a Revolução Industrial, os túmulos carregavam ornamentos em aço, elemento mais valorizado na época. Já na década de 20, esculturas em mármore ficaram em evidência, pois havia uma grande influência, no Brasil, da arte italiana, em razão dos imigrantes.

No Brasil, o cemitério tradicional parece uma cidade, com seus pequenos prédios, os nomes dos abastados devidamente enfeitados, seus anjos, seus santos, suas palavras de consolo ou de tristeza. Muitos turistas procuram esses lugares, em busca de escritores, cantores e artistas famosos. A atividade no São João Batista (Rio de Janeiro) reúne todos os pré-requisitos para ter êxito visto que, o cemitério reúne inúmeras personalidades.

Fundado em 1852, o Cemitério São João Batista é cravejado de suntuosos túmulos das famílias abastadas fluminenses. Entre os famosos, estão condes, barões; Afonso Penna, Luís Carlos Prestes, Carmem Miranda, Santos Dumont e outros.

A abundância de arte sacra, cuidadosamente esculpida em mármore e granito, dá a impressão de se estar num museu, e não, num cemitério.

Na alameda principal, uma profusão de estátuas em bronze recebe o visitante. Próximo ao Cruzeiro - monumento em cruz que marca as principais alamedas do cemitério - encontra-se um túmulo ousado: trata-se do mausoléu do pai da aviação, Alberto Santos Dumont (1837-1932), composto de uma imensa rocha de granito e uma estátua de um homem-pássaro. Mais adiante, aparece a assinatura de Carmen Miranda (1909-1955). À direita, quase na Capela, flores

coloridas velam o jazigo do poeta Cazuza (1958-1990). Sobre o tampo, a inscrição "O tempo não pára".

O Cemitério da Consolação - primeiro de São Paulo foi construído em agosto de 1858 e tinha o nome "Cemitério Municipal". Abriga os ex-presidentes Campos Salles e Washington Luís, além dos ex-governadores Adhemar de Barros e Armando Salles de Oliveira. As ruelas trazem lápides de outros ilustres: Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Monteiro Lobato e Maria Domitila de Castro - a Marquesa da Santos. Outro túmulo bastante visitado é o de Antoninho da Rocha Marmo, o menino-santo que dizem fazer milagres. No cemitério, também estão sepultados escravos que contribuíram, de alguma forma, para a história da abolição da escravatura, além de dezenas de obras de arte de importantes escultores do século passado.

> O desaparecimento de qualquer bem cultural deveria, por solicitação do Estado que o reclamasse, ser levado ao conhecimento do público, através de uma publicidade adequada. (UNESCO, Paris 1994, Conferência Geral da Organização das Nações Unidas) (Cartas Patrimoniais, 1995: 121)

Nos corredores, obras de artistas do porte de Victor Brechet, Galileo Emendabile e Nicola Rollo retratam a efervescência da “Belle Époque” Paulistana. Não por acaso, 400 dos quase oito mil jazigos estão incluídos em projeto de tombamento, encaminhado pelo Serviço Funerário ao Conselho de Patrimônio Estadual. Enfim os cemitérios São João no Rio de Janeiro e o da Consolação em São Paulo, cada vez mais têm promovido ações de preservação de seus túmulos históricos.

2 - SURGIMENTO DOS PRIMEIROS CEMITÉRIOS EM PELOTAS E AS EPIDEMIAS

Segundo Alberto Coelho da Cunha, nas Antigualhas, região onde começaram a se reunir os primeiros moradores da futura Freguesia de São Francisco de Paula (ver anexo 4), os primeiros mortos eram enterrados em pleno campo e longe das habitações, certamente nas estâncias próximos ao Canal São Gonçalo, pois nessa época um cemitério definitivo ainda não poderia existir.

> Do primeiro livro de Assentamentos de óbitos da Freguesia, aberto pelo Vigário, Padre Felício, consta, em 1812, um único falecimento, cujo enterro foi num cemitério da Boa Vista. Em 1813, as inumações aparecem como sendo na fazenda do Capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos, no Oratório de Nossa Senhora da Conceição do Boqueirão, ou no cemitério da fazenda (Laranjal) pertencente a D. Isabel Francisca da Silveira. (Nascimento, 1982: 24)

Somente quando foi criada a Freguesia de São Francisco de Paula, em julho de 1812, se programou a construção de uma igreja e de um cemitério. Neste ano, também surgiu a Irmandade do Santíssimo Sacramento, a qual exerceu importante participação na organização dos futuros cemitérios. O primeiro cemitério oficial chamou-se Santa Cruz .

2.1 – Cemitério da Santa Cruz

O cemitério da Santa Cruz localizava-se na rua Barroso, esquina da avenida Bento Gonçalves, (atual prédio da Brigada Militar). Esse primeiro cemitério foi localizado num terreno baldio, que depois se chamou de Santa Cruz porque, em vinte de novembro de 1846, trinta e quatro anos, após a fundação da freguesia, foi cravado a cruz das missões, vinda em solene procissão da matriz, quando os padres missionários ai estiveram para pregar.

Os enterros eram conduzidos à mão, por ficar o cemitério a pouca distância da capelinha localizada no Sítio dos Coqueiros, e residência do vigário, onde ocorriam missas e se fazia a encomendação dos mortos, pois ainda não existia

uma igreja oficial. O Sítio dos Coqueiros era na rua Alegre (atual Santa Cruz) e travessa da rua da Horta (atual Voluntários).De acordo com Cunha(1978):

> Em 20 de novembro de 1846, foi cravada a cruz comemorativa da missão no lugar que quase oito anos, de 1812 a 1819, serviu de cemitério à freguesia. Diz José Vieira que a procissão da cruz, conduzida da Igreja Matriz para o local que assinalava o antigo cemitério, esteve esplendida, com o acompanhamento de todas as irmandades da localidade e cortejo de quatro mil pessoas de todas as hierarquias, e dois batalhões com as bandas de música. (Antigualhas, p. 5)

Esse cemitério foi o primeiro chão sagrado da freguesia, ocorrendo em 19 de outubro de 1812 a encomendação do primeiro corpo pelo Padre Felício. Só um ano depois foi a igreja sagrada e inaugurada com a entrada da imagem do padroeiro São Francisco de Paula, trazida em procissão pelos expoentes da terra. Enfatiza-se ser Aquela mesma imagem que se encontra hoje no altar da Catedral. Esse cemitério funcionou de 1812 a 1819, pelo tempo de sete anos dois meses e onze dias, sendo fechado em 31 de dezembro de 1819. O mesmo deu sepultamento a 225 corpos.

2.2 – Cemitério da Igreja Matriz

Ainda nas Antigualhas, diz-se que de 15 de fevereiro de 1814 até 1819, a igreja forneceu concorrência ao primeiro cemitério, onde eram sepultados os mais abastados e os religiosos dentro da igreja (atual Catedral), tendo sido enterrado o próprio Padre Felício em 1819. Neste ano, o pequeno recinto já efetuara o sepultamento de 75 corpos.

> Pronta à igrejinha da freguesia, no lugar onde se ergue agora a catedral, para lá foi levada a Imagem do Padroeiro. E os primeiros enterramentos dentro dela datam de 1814, segundo assentamentos do Padre Felício, no Primeiro Livro de Óbitos de Pelotas. Com o tempo aumentaram esses sepultamentos e os restos mortais eram passados para urnas, que ficavam aos cuidados da Irmandade. (Nascimento, 1982: 25)

Sete mortos tiveram o privilégio de serem enterrados no chão da nave central, onde os devotos se ajoelhavam para rezar. Do ano de 1814 até fins de 1819 o número de sepultamentos na igreja foram os seguintes: em 1814, 12; em 1815, 06; em 1816, 13; em 1817, 09, em 1818, 19; em 1819, 16.

2.3 – Cemitério do Fundo da Igreja

A Irmandade do Santíssimo Sacramento, que possuía a administração do cemitério da Santa Cruz, quando esse local fechou, fundou um novo Campo Santo, nos fundos da igreja (atual catedral), o qual começou a funcionar no dia primeiro de janeiro de 1820.

No local onde existia uma praça, foram construídos muros, e ao longo desse,as linhas de catacumbas. Um dos objetivos era trazer o cemitério para mais perto da capela e da zona urbana, e também acabar com os sepultamentos dentro da igreja. Esse segundo cemitério funcionou de 1820-1825. De acordo com Nascimento (1982):

> Ele foi aberto em 1º de janeiro de 1820 e tendo uma existência curta de apenas cinco anos, dois meses e treze dias, completados em 13 de março de 1825, foi por essa ocasião demolido e o material extraído, aproveitado na construção da capela-mor. (p. 24)

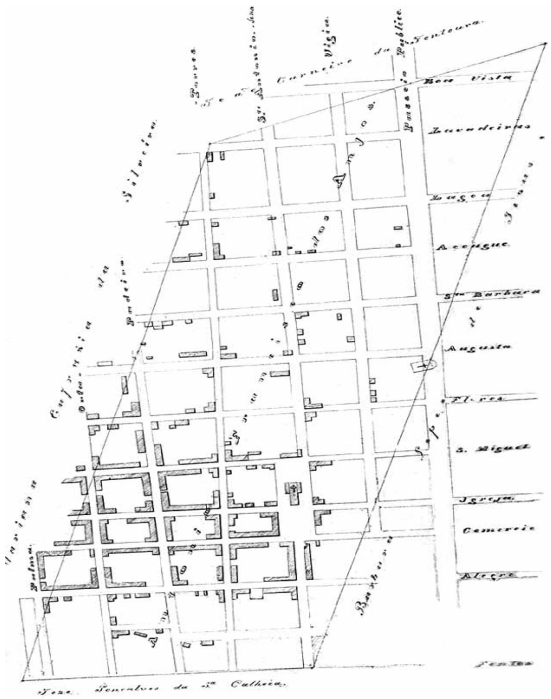
Segundo Alberto Coelho da Cunha, nas Antigualhas (opinião Pública de 29-06-1928), apesar do funcionamento do cemitério atrás da igreja, até 1827 houve sepultamentos no interior da igreja.

2.4 – Cemitério da Rua do Passeio

Ocorreu que em 1825, o cemitério da igreja já estava pequeno e também causava incômodo por ser muito próximo à área que se urbanizava rapidamente. Em virtude disso, em treze de maio de 1825, decidiu a mesa da Irmandade

aprovar despesas para a construção de um novo cemitério, sendo o antigo destruído e transferido para o novo espaço, situado entre as ruas da Vigia (Argolo), Augusta(General Osório) e Flores(Andrade Neves). Hoje, esse quarteirão está todo urbanizado com lojas, edifícios e casas, mas é provável que o espaço tenha se estendido além do quarteirão. Conforme ainda Alberto Coelho da Cunha, nas Antigualhas, que no ano de 1928, quando escavações foram feitas na Avenida Bento Gonçalves para a colocação da rede de esgotos e iluminação, foram encontradas várias ossadas humanas.

No mapa ao lado da planta de Pelotas de 1815(quadro1) é possível ver a localização, com uma cruz assinalando o local do cemitério bem no meio da Avenida Bento Gonçalves.



Quadro 1 – Planta de Pelotas 1815
Fonte: Magalhães, M. O. 1994: 88

Esse terceiro cemitério existiu por trinta anos e teve de ser fechado, pois a cidade se expandia; portanto, não era mais possível este ser próximo da igreja. No entanto, a causa principal do fechamento foi o aparecimento da epidemia de cólera no ano de 1855.

2.5 – Outros cemitérios

Outros cemitérios existiram em Pelotas, como o da fazenda de Dona Isabel Francisca da Silva (atual Laranjal). Um outro cemitério foi o da Nossa Senhora da Luz, localizado no bairro da Luz junto à igreja de mesmo nome, que existiu de

1823 a 1855, sendo fechado devido à epidemia de cólera. Localizou-se do lado esquerdo do antigo templo. Hoje uma igreja maior foi construída sobre a anterior e sobre o espaço do cemitério. Esse cemitério existiu até o dia dez de abril de 1855; por ser impróprio o local, foi deslocado para outro espaço.

Também existiu um outro cemitério chamado dos Alemães, onde se sepultou um soldado alemão de um batalhão de artilharia de mercenários que estavam em Pelotas entre 1851 e 1852. Quando este morreu, o vigário da matriz não permitiu que ele fosse sepultado no Campo Santo, que era reservado somente para católicos. O novo local passou a ser o cemitério protestante, situava-se num campo varzeano ao norte da cidade, a oeste da praça Júlio de Castilhos (atual Dom Antonio Zattera). Hoje não é mais possível localizar esta área, pois certamente tornou-se uma região urbanizada.

Existiu também um cemitério de pequena duração chamado de Boa Vista, conforme a citação.

> Se anteriormente a 1812, houve cemitério na Boa Vista, ou em outra localidade com tal nome, o que se reconhece oficialmente ficou localizado num terreno de cinqüenta braças, doado juntamente com a capela por João Querino Vinhas, em 23 de novembro de 1855, e iniciado as pressas, por ordem da comissão de higiene da Costa, uma vez que grassava o Cholera Morbus. Em breve os moradores da Boa Vista ficaram aterrorizados com a fúnebre vizinhança. E a câmara viu-se obrigada a transferir para o logradouro público (tablada) onde continua presentemente próximo ao colégio agrícola.(Nascimento, 1982:28)

Pelotas também possui outros cemitérios que não serão trabalhados nesta pesquisa, como o cemitério São Lucas, contíguo ao antigo cemitério da Boa Vista citado acima, que ficava nas proximidades, não no local do atual cemitério. Aquele foi desativado no período da epidemia de cólera e sua localização não é mais conhecida. O cemitério São Lucas, por muito tempo, também foi chamado de cemitério da Boa Vista até receber a atual designação.

Na zona rural da cidade, também há vários cemitérios, alguns católicos, outros protestantes. São em sua maioria, de descendentes de imigrantes alemães, franceses e portugueses.

2.6 – Mortes por epidemias no século dezenove e início do século vinte e o surgimento de novos cemitérios.

Ao fim de quatro meses de ter se manifestado no Rio de Janeiro, chegava a Pelotas o primeiro caso de cólera, e no dia nove de novembro foi sepultado o primeiro cadáver com a moléstia. Logo depois, quase todas as residências possuíam enfermos com a doença.

Por ocorrer um número excessivo de cadáveres no cemitério da Rua do Passeio, e por ser zona urbana, facilitando assim, o contágio, os sepultamentos neste local foram proibidos. Sobre a epidemia Gutierrez (2004) escreve que:

> O cemitério da rua do Passeio ainda teve que abrigar uns 150 coléricos. Nesse momento de terror, abriam-se as sepulturas com urgência e a toda pressa no Cemitério do Fragata. Enquanto o cólera esteve na cidade, o governo da província permitiu a Domingos Jose de Almeida, na época membro da comissão sanitária, nomeado para nas charqueadas estabelecer cemitério na costa do Arroio Pelotas. O cólera tinha sido mais intensa junto a população cativa, particularmente na área salgadora localizada nas margens do arroio. (p. 216)

Foi no dia oito de novembro de 1855, que apareceram os primeiros casos de cólera na cidade de Pelotas. As mortes se multiplicaram rapidamente e quase todas as famílias estavam de luto por parentes ou amigos. Nos dois primeiros meses, matou uma média de 40 pessoas por dia, Conforme Alberto Coelho da Cunha, a população estava estimada em 5.900 pessoas.

> Por toda a parte reinava a desolação, o medo irreprimido, o horror do sofrimento e da morte. As repartições públicas cerraram suas portas. Muitos de seus funcionários haviam falecido. Outros tantos achavam-se afastados pela moléstia. (Nascimento,1982: 29)

No dia 23 de novembro de 1855, enterrava-se o primeiro colérico no cemitério do Fragata, o escravo negro Benedito, de 24 anos, que trabalhava como oleiro.

A Irmandade do Santíssimo ainda construiu às pressas grande número de catacumbas. Levantaram também uma capela e casas para o depósito das urnas na Rua do Passeio.

Nessa capela recém construída, foi colocada uma pequena imagem de São Miguel, que desde 1819 esteve no altar da Matriz. Mas por mais orações que se fizessem, a epidemia não retrocedeu.

> Advieram então, casos fulminantes. Uma escrava de nome Josefa, que adoeceu as nove da manha, falecia às quatro da tarde, com aspecto terrivelmente desfigurado e a excessiva magreza de quem estivera doente por longos meses. Nas charqueadas da costa do Pelotas, quase todos os escravos haviam sido afetados. O autor da carta cita familiarmente nomes de alguns charqueadores dizendo que"o Vinhas tivera 19 escravos mortos, Custódio 18, Manoel da Espada 13, Maneca Viana e João Jacinto 8, e Aníbal 6.(Nascimento, 1982: 29)

A cidade necessitava, com urgência, de novo local, pois a terrível epidemia de cólera que começara no mês de julho de 1855, aumentava o número de mortos na cidade.

Nessa ocasião, a Santa Casa (instituições de origem portuguesa, cujos princípios se baseiam no Evangelho de São Mateus e que sempre atuaram na área educativa e mantendo hospitais e cemitérios.) inaugurou um novo cemitério; desta vez, bem afastado da igreja e do perímetro urbano, localizado na estrada do Fragata, e para lá todos os enterros seriam direcionados. Segundo os registros do cemitério a cargo da Santa Casa, desde sua inauguração em 23 de novembro até o dia 30 de junho de 1856 foram sepultados 429 pessoas, quando a população daquela época deveria estar por volta de 5.900 habitantes. Segundo Cunha (1978):

> Sobre a cidade pairava um véu de luto e de morte que revestia de um manto de infinita desolação. O seu ruído de movimento e trabalho, a que às ruas se haviam habituado foi suprimido, tendo desaparecido o seu trânsito de veículos e pedestres, como numa cidade em abandono. No silêncio que a dominava, de ansiedade e tristeza, só eram percorridos por carros e automóveis a serviço de médicos e comissões de socorro, e nesse trajeto tinha a todo o momento de se abrir, para o lado, e deixar passagem livre aos enterros que desfilavam. (Antigualhas, p.111)

Os escravos que contavam grande parte da população foram os mais acometidos pela peste, pois trabalhavam nas charqueadas, com péssimas condições de asseio. Muitos morreram de cólera e foram enterrados num local improvisado, conforme expõe Nascimento (1982).

> Durante muitos anos, houve entre os moradores do Laranjal, uma tradicional aversão em visitar os grandes Cômoros de areia situados à direita de quem vai às praias da lagoa pela estrada atual. É que durante a epidemia de cólera havia servido como cemitério de escravos pela falta de espaço para o excesso de mortos no antigo Campo Santo da Fazenda dos Prazeres. (p. 30)

O palácio do governo, pela época, também concedeu uma permissão a Domingos José de Almeida que era membro da Comissão Sanitária, para estabelecer um cemitério provisório em sua charqueada na costa do Arroio Pelotas, somente durante o período da epidemia.

No dia dezessete de dezembro, partiu, da igreja matriz uma procissão com a imagem do Senhor dos Passos (aquela que encontramos hoje na entrada da catedral, um Jesus carregando a cruz com vestes roxas) A multidão reuniu pessoas de todas as classes sociais, e muitos percorreram descalços, em penitência para que a peste deixasse a cidade.

Tal procissão saiu pela rua com um imponente sol de dezembro e retornou à noite. Muitas pessoas deixaram o cortejo subitamente, atacados pela moléstia, e muitos outros o foram, ao chegarem as suas casas. Ainda sobre a procissão Nascimento (1982) expõe que:

> Saiu da igreja matriz uma solene procissão que, em seu trajeto encheu as minúsculas ruas de Pelotas de então com os murmúrios de suas preces e de seu cantochão. E a multidão se comprimia atrás de um andor e se revesava em trazê-lo aos ombros, levando devotamente a imagem sofrida do Senhor dos Passos com suas vestes roxa e seu lenho às costas. (p. 29)

Cabe registrar que logo a epidemia retrocedeu, pelo menos entre as pessoas de pele branca; os últimos casos de cólera ocorreram principalmente entre os cativos. De 23 de novembro de 1855 até 24 de abril de 1856, o cólera fizera enterrar, no cemitério do Fragata, 287 pessoas.

> Em meados de dezembro, houve um lampejo de esperança, parecia ter-se tornado mais benigna a epidemia. Apenas "os pretos e escravos e a gente pobre de cor, sem condições de asseio e alimentação sadia, ainda eram atingidos. (Nascimento, 1982: 29)

Em 1918, ocorreram novamente aumentos de mortes com o surgimento da gripe espanhola que fez 460 vítimas. Foi em meados de outubro de 1918 que chegava a Pelotas a febre espanhola. No dia 22 de outubro, ocorreu o primeiro caso de morte: uma menina de oito anos; no dia 28 do mesmo mês, foi a vez de um sexagenário; no dia 30, mais três mortos, aumentando cada vez mais.

Dois terços, mais ou menos da população, tiveram contato com a febre, ficando o outro terço saudável, a cuidar dos doentes. O total de mortes por gripe, em 1918, ascendeu a 353, distribuídos por vários meses.

A morte concentrava todos os sinais de vida da cidade: as farmácias não davam conta das encomendas, as funerárias tinham trabalho acima de sua provisão, e enterros tinham de ser adiados por falta de caixões e espaço para velório.

Fora às farmácias e as funerárias, o único local da cidade que tinha movimento era o mercado público, para a compra de produtos básicos; outro local era o Paço Municipal (prefeitura), onde a gente pobre ia buscar o que faltava na

assistência médica e de alimentos. Também era do Paço que partiam as orientações e instruções de socorro.

No ano de 1919, apareceram os primeiros casos de peste bubônica, ocorrendo muitas mortes. Em virtude disso, a Intendência teve que fornecer gratuitamente caixões para os enterros, felizmente essa epidemia decresceu em 1920 e a cidade voltou a sua normalidade.

3.0 – OS CEMITÉRIOS NO BAIRRO FRAGATA

O cemitério do Fragata está localizado na zona urbana de Pelotas (ver anexo 1) e dista cerca de aproximadamente 5km do centro da cidade, possui frente para a Avenida Duque de Caxias, fundos para a Rua Vidal de Negreiros, limite à esquerda com a Rua Prudente de Moraes e a direita com a Rua Bernardo José de Souza.

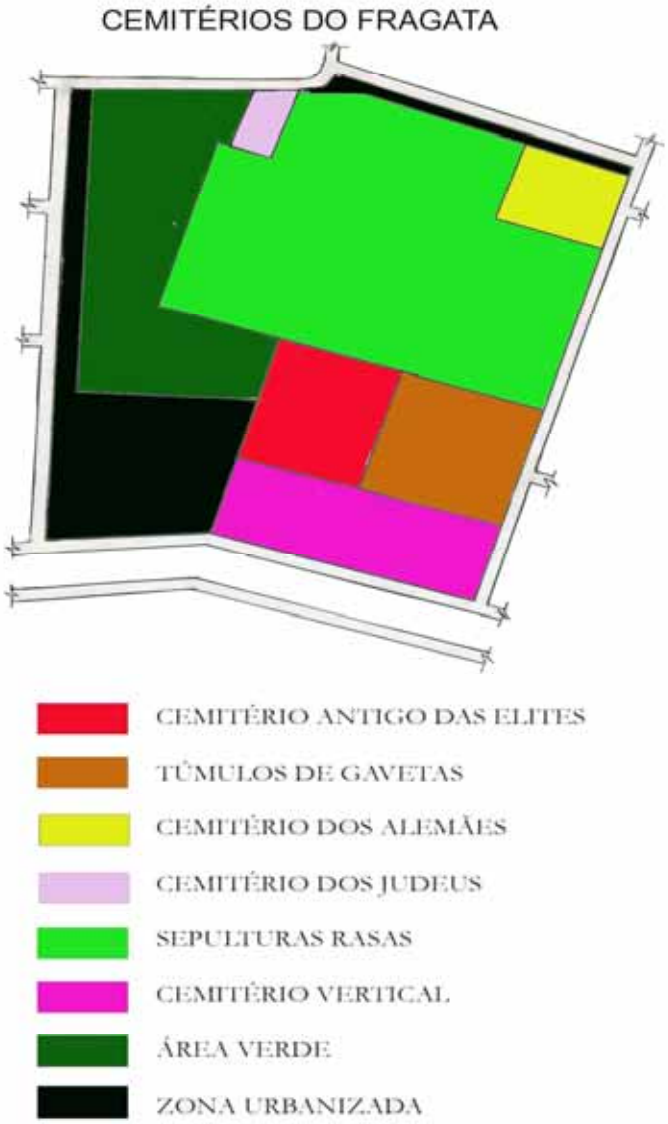
Sendo muito amplo (figura 6) e contendo vários cemitérios menores em seu interior: cemitério antigo das elites, cemitério de sepulturas rasas (Campo Santo), cemitério dos alemães , cemitério dos judeus, e em última etapa, cemitério vertical. Será feito um estudo sobre cada um dos espaços, tais como o cemitério antigo construído após 1885, originado da transferência de cemitérios que se localizavam na zona urbana da cidade de Pelotas.

Figura 6 – Foto aérea do cemitério do Fragata
Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas

Vale lembrar que foi em razão de uma epidemia de cólera ocorrida no final do século XIX, que os túmulos foram removidos e afastados do centro urbano para o atual Fragata, na época, uma região pouco povoada.

O local onde se encontra o cemitério da Santa Casa pertenceu a herdeiros de dona Rita Alves e foi desapropriado pela Câmara para ser usado como cemitério.

Em 1850, os vereadores passaram o ano divididos entre quatro propostas de escolha para a remoção dos corpos do cemitério da Rua do Passeio:
1) seria na Rua das Lavadeiras (Professor Araújo); 2) na rua Santa Bárbara (Marechal Deodoro ao cruzar a Vigia. 3) Na rua da Olaria (João Manoel); 4) Na sanga que atravessava a margem pelos fundos dos potreiros de Valadares e Inácio da Cunha.



Quadro 2 – Mapa de distribuição dos cemitérios no Fragata
Fonte: Arquivo do autor

O mapa acima (quadro 2) oferece a localização dos diferentes cemitérios que existem dentro do grande cemitério do Fragata.

Ao mesmo tempo, a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas solicitava, à Câmara Municipal, desapropriação de um terreno de herança de Dona Rita Leocádia de Moraes.

Enfim, foi por meio das leis Provinciais nº. 197 e 236 de 27 de novembro de 1850 e 10 de dezembro de 1851, a Santa Casa teve sua pretensão satisfeita, mas as opiniões ainda se dividiam: a) nas terras do logradouro público, onde o gado era comercializado; b) nas terras de herança de Rita Leocádia de Moraes. Por fim, a escolha se deu pelo terreno baldio da estrada do Fragata.

O proprietário, a princípio, não aceitou as negociações e a Santa Casa teve que recorrer a um pleito que se arrastou por um bom tempo, até que o terreno de 220 m de frente e 440 m de fundos, no Campo de Tomas Xavier, herdeiro de Rita Leocádia de Moraes, foi desapropriado.

> Em portaria de 11 de junho de 1852, a Presidência da Província havia ordenado levantar o novo cemitério público, para o qual fora desapropriado o terreno, para ele indicado pela Câmara Municipal, do qual a Santa Casa tomou posse judicialmente. (Nascimento, 1997:11)

Por sua vez, a lei provincial nº. 197 de 27-12-1850 estabeleceu o cemitério e decretou que esse seria regido por uma mesa composta de escrivão, tesoureiro, procurador e um mordomo, possuindo também um cocheiro subordinado ao procurador da mesa. Naquela época certa irmandade solicitara autorização para edificação de um cemitério em outro local da cidade; então, a mesa foi obrigada a dirigir-se à Presidência da Província e ao Bispo, pois as leis da província só permitiam, na freguesia, o cemitério da Santa Casa.

Alguns cidadãos pelotenses contribuíram para a edificação do novo cemitério, como o Sr. António Jose Roiz Prates que doou, a Instituição da Santa Casa 150 reses, um escravo e um campo para serem vendidos, e o produto da venda gasto em material para a construção do novo cemitério. Dessa forma, construiriam, com urgência, várias catacumbas, em razão da epidemia de cólera, e o local foi cercado com taipa.

> A mesa tinha mandado levantar a planta local e, com ligeiras modificações, venceu a feita pelo capitão José Maria da Fontoura, melhor do que a apresentada pelo Coronel Tomaz José de Campos. Foi colocado o portão de ferro mandado vir do Rio de Janeiro. A obra ia sendo construída aos poucos, erguida à parede de frente com 48 catacumbas, mas precipitava-se por ser o único cemitério agora permitido para sepultamentos, na cidade. Apesar das esmolas pedidas para esse fim e do empréstimo de dez contos tomado,a Assembléia Legislativa. (Nascimento,1987: 13)

Os primeiros enterramentos ocorreram desde o dia 23 de novembro de 1855, (figura 7) evitando-se, assim, a acumulação de corpos no velho cemitério da Rua do Passeio, muito próximo dos prédios urbanos. Da inauguração até o dia 30 de julho de 1857, enterraram-se ali 269 pessoas, 175 livres e 94 escravos. Nessa época, a Santa Casa cedeu à Irmandade de São Miguel das Almas um terreno dentro do cemitério para edificar as catacumbas para os irmãos da sua confraria.

Figura 07– Túmulo de 1884
Fonte: Arquivo do autor

Nas Antigualhas está escrito que faz parte do patrimônio da Santa, Casa o cemitério desta cidade, cuja administração foi concedida pela lei provincial nº. 197 de 27 de novembro de 1850, inclusive constituía a melhor fonte de renda da Santa Casa.

Atendido o pedido da Irmandade de S. Miguel e Almas de um terreno para catacumbas de seus irmãos, em 2 de março de 1858, mandou-se à mesa administrativa demarcá-lo e entregá-lo à citada Irmandade; para isso, foi nomeada uma comissão composta dos Irmãos José Hipólito de Lima e Manoel Joaquim

Pimenta Granja. Ainda a essa comissão coube o encargo de se entender com a Irmandade do Santíssimo Sacramento, para que se escolhesse para os túmulos de sua confraria o local que mais lhe conviesse.

A fim de que a Santa Casa possuísse número suficiente de catacumbas, situaram-se estas do lado leste da parede em que foi colocado o portão. Ocupavam toda a frente do terreno, deixando os lados e o fundo para as Irmandades, que necessitavam de espaço com urgência.

Algumas irmandades católicas (figura 8) possuíam concessões de terrenos dentro do cemitério os quais eram adquiridos por baixos preços, tal fato acabou causando problemas, pois não estavam propiciando lucros satisfatórios.

Figura 08 – Janela do portal de acesso com símbolo católico

Fonte: Arquivo do autor

Em 1912, foram calçadas as duas ruas de acesso principal; em 1930, iniciou-se a plantação de plátanos nas ruas de acesso interno aos túmulos, plantou-se na ocasião mais de 150 palmeiras conseguidas com o Ministério da Agricultura pelo Dr. Luis Simões Lopes.

No ano de 1976, atendendo-se a uma velha aspiração das irmãs franciscanas que servem o hospital, iniciou-se a construção de um novo quadro no cemitério, para o sepultamento das irmãs (figura 9).

Figura 09 - Túmulo das irmãs franciscanas

Fonte: Arquivo do autor

No biênio de 1921-1922 inaugurou-se um monumento no cemitério das elites com a inscrição:

> AOS QUE MORRERAM IGNORADOS E, NA SUA HUMILDADE, LUTARAM PELO PROGRESSO DE PELOTAS, A SANTA CASA NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DEDICA ESTE MONUMENTO E O CONFIA A POSTERIDADE.

Na foto abaixo (figura 10) vemos o monumento citado acima, que se encontra no fim do corredor que parte do portão lateral do cemitério das elites.

Figura 10 - Monumento do cemitério

Fonte: Arquivo do autor

Discursou, na ocasião, o Dr. Bruno Chaves, o qual afirmou que o local escolhido para este monumento tinha sido propositalmente colocado no meio das sepulturas dos principais vultos pelotenses, porque a morte nivelava todos os que ali descansavam.

> Em 1897, faleceu o Sr. Fernando Camorra, administrador do Cemitério, nomeando-se para o cargo o Sr. Clementino Leal, substituído em 1898 pelo Sr. Floro Lino Sant´Ana que prestou fianças conforme resolução de mesa administrativa. Alterou-se também o regulamento do Cemitério e sua escrituração, para melhor fiscalização e, entre outras medidas tomadas, foram feitos alguns reparos. Cedeu-se uma faixa de terreno do cemitério católico, para permitir a entrada de protestantes pela estrada da Guabiroba. (Nascimento 1987: 65)

Salienta-se que, em 1904, drenou-se a área das sepulturas rasas com o aproveitamento de um local onde havia uma lagoa, fechou-se à frente com grade de ferro e portão, arborizando-se a entrada. Em 1912 calçaram-se as duas ruas de acesso principal. Na continuidade das melhorias Nascimento (1987) relata que:

> Em 1908 para abrigo do público que acompanhava enterros nos dias de chuva ou calor, construiu-se uma sala no quadro velho do cemitério, para a qual a viação férrea do Rio Grande cedeu 40 trilhos de ferro, destinada ao vigamento.(p. 73)

O local foi crescendo, surgiram novas técnicas de construção, como os sepultamentos em gavetas que, a princípio, tinham certa riqueza de detalhes com balaústres e tampa em pedra talhada e com fotos de lousa. Esses jazigos eram feitos de tijolo maciço, em forma de arcos, mas logo passaram a ser de forma retangular para melhor aproveitamento dos espaços. Essa área se localizou ao lado da primeira. Esses locais não possuíam proteção contra as intempéries. E assim sucessivamente o local foi crescendo e adequando-se a demanda de novos espaços para diferentes tipos de sepultamentos.

3.1 – Cemitério Antigo das elites

Esse local onde a elite de Pelotas, ou seja, aquelas pessoas com nível econômico mais alto eram sepultadas, tornou-se um local de rara beleza,(figura 11) pois a riqueza gerada com o charque, além de cultuar os costumes europeus para a vida diária, na moradia, vestimentas e utensílios, também se utilizaram de manuais europeus para a construção de mausoléus e túmulos muito decorados com estátuas e epitáfios. Esse cemitério acompanhou o traçado da cidade, em quadrícula.

Figura 11 - Jazigo de Luiz Petrucci
Fonte: Arquivo do autor

Pelo lado de dentro dos muros, possui nas quatro faces, três linhas de sepulturas (em gavetas), sendo as duas de baixo para adultos e a de cima para crianças. O local é dividido em quatro partes iguais, cortadas por duas avenidas em cruz, pavimentadas e arborizadas com palmeiras.

> Portanto, o cemitério é um espaço onde a hierarquia econômica e social também está representada no aspecto da quadra, na simplicidade ou suntuosidade da sepultura e na paisagem do cemitério.(Rezende, 2000: p.36)

Figura 12 - Portal de entrada do cemitério das elites
Fonte: Arquivo do autor

A primeira avenida que sai do portão principal (figura 12) segue em direção a Capela do Senhor do Bonfim, e a segunda parte de um portão lateral até um monumento público. No interior dos quadrantes estão os mausoléus (figura 13) e túmulos antigos.

Figura 13 - Mausoléu antigo
Fonte: Arquivo do autor

Nesta parte do cemitério existem várias estátuas de mármore (figura 14), muitas estão quebradas, outras tantas foram roubadas, algumas recebem cuidados de limpeza pelas famílias dos proprietários, outras estão cobertas de limo e sujeiras acumuladas por décadas de abandono.

Figura 14 – Jazigo da Família Py Crespo.
Fonte: Arquivo do autor

São vários mausoléus com conjuntos de estátuas que já não estão mais completos devido a roubos, e aos ataques de vândalos, que as quebram, e pela ação das intempéries; quando chuva e vento às vezes provocam a queda desses elementos.

Assim torna-se de grande importância uma maior conscientização dos grupos sociais em preservar o que ainda resta desta arte funerária (figura 15) em nossa cidade.

Figura 15 – Fonte do cemitério
Fonte: Arquivo do autor

Na seqüência de fotos a seguir (figuras 16-23) estão algumas esculturas em mármore, que foram selecionadas; onde se salienta que o acervo do cemitério antigo possui mais de cinqüenta obras. Tais estátuas mostram a importância do patrimônio cultural do local.

Figura 16 - Jazigo de Dora
Fonte – do autor

Figura 17 - Jazigo do Coronel Annibal Antunes Maciel
Fonte - do autor

Figura 18 - Jazigo de Domingos Roiz Ribas
Fonte: Arquivo do autor

Figura 19 – Jazigo de João Antonio de Oliveira
Fonte: Arquivo do autor

Figura 20 – Jazigo da família do Major Felisberto da Cruz Piegas
Fonte: Arquivo do autor

Figura 21– Jazigo de Domingos Felix da Costa
Fonte: Arquivo do autor

Figura 22 – Jazigo de Vicente Martines Castinheira
Fonte: Arquivo do autor

Figura 23 – Jazigo de Jose Bento de Campos e Corina Vinhas de Campos
Fonte: Arquivo do autor

Encontra-se no cemitério das elites apenas quatro estátuas em bronze que são: um Cristo representando o sagrado coração de Jesus esculpido por André Arjonas. Jazigo do Major Ciriaco Crespo e sua esposa (figura 24).

Figura 24 – Jazigo do Major Ciriaco Crespo e esposa
Fonte: Arquivo do autor

A outra obra (figura 25) é um anjo esculpido por P. Ferradini da cidade de Montevidéu. Jazigo do Dr. Frederico Bastos, teve suas asas arrancadas por vândalos.

Figura 25 – Jazigo do Dr. Frederico Bastos
Fonte: Arquivo do autor

A terceira obra (figura 26) foi esculpida por José Otávio Correia Lima. Jazigo de Amelinha Adalgisa e Octacianinho.

Figura 26 – Jazigo de Amelinha
Fonte: Arquivo do autor

E a última obra (figura 27) foi esculpida por Antônio Caringi. Jazigo da família do escultor Antônio Caringi.

Figura 27 – Jazigo de Antônio Caringi
Fonte: Arquivo do autor

Existiu uma quinta estátua que foi roubada há pouco mais de um ano, tratava-se de uma figura feminina depositando flores ao tumulo (figura 28). Jazigo da família de Plotino Duarte e esposa.

Figura 28 – Jazigo da família de Plotino Duarte

Fonte: Arquivo do autor

Observa-se que o cemitério das elites não atrai visitante somente pelas obras de arte e seus mausoléus de luxo, onde o túmulo mais visitado em Pelotas é o da cigana Terena (figura 29), que foi mistificada, e o túmulo passou a ser local de depósito de oferendas e placas.

Figura 29 - Túmulo da Cigana Terena

Fonte: Arquivo do autor

A Cigana Terena segundo uma placa em seu túmulo, nasceu na Áustria em 20-02-1833, e faleceu no Brasil em 02-03-1888, teve como filhos Iosca, Ixoan, Pepe, Muto, Ianos, Zurca e Poxella. Dentre as muitas placas deixadas por devotos agradecendo por graças alcançadas uma diz o seguinte: Por aqui passei, meu coração deixei, não importa onde irei, mas nunca te esquecerei. V.C.S. 19-12-2001.

Na ala antiga também há diversos túmulos de personagens ilustres como o poeta Lobo da Costa (figura 30)

Figura 30 - Túmulo do poeta Lobo da Costa

Fonte: Arquivo do autor

O cemitério das elites possui muitos outros túmulos de personagens importantes da sociedade pelotense como , Zola Amaro, Antônio Caringi e muitos nobres entre condes, viscondes e barões. A lista abaixo cita todos os cidadãos pelotenses que tiveram títulos de nobreza:

Domingos de Castro Antiqueira, Barão e depois Visconde de Jaguari,1846;

João Francisco Vieira Braga, Barão e Conde de Piratiny,1854.(figura 31);

José Antônio Moreira, Barão de Butuí, 1873;

João Simões Lopes, Barão da Graça,1872;

Joaquim da Silva Tavares, Barão de Santa Tecla, 1886;

Aníbal Antunes Maciel, Barão dos Três Cerros,1884;

Leopoldo Antunes Maciel, Barão de São Luis, 1884;

Felisberto Inácio da Cunha, Barão de Correntes, 1884.(figura 32);

Francisco Antunes Gomes da Costa, Barão do Arroio Grande, 1884;

Dr. Miguel Rodrigues Barcellos, Barão de Itapitocaí, 1888;

Joaquim José de Assumpção, Barão de Jarau,1888.

Não foi possível conferir se todos estão enterrados no cemitério das elites, mas com certeza boa parte o foi.

Figura 31 - Túmulo do Conde de Piratiny

Fonte: Arquivo do autor

Figura 32 - Túmulo do Barão de Correntes

Fonte: Arquivo do autor

Observa-se que nem todos os nobres e ricos da época preocupavam-se em ostentar riqueza e poder na última morada, onde muitos preferiam investir em caridade, conforme a citação a seguir:

> Quase todos os charqueadores locais pensavam como o Barão de Butui: no seu testamento, determinava que se fizesse o enterro mais simples possível", sem galés de ouro ", e que o dinheiro que se fosse gastar em pompas rituais se empregasse em obras de caridade.(Magalhães, 1981: 34).

Este cemitério teve seu período de destaque, entre o final do século XIX até a primeira metade do século XX, após esse período a cidade perde o seu poder econômico, com o fim do período do charque, entrando para uma nova fase mais cultural.

3.2 – Capela do Senhor do Bonfim

O cemitério do Fragata, logo teve a necessidade de possuir uma capela, por dois motivos: a) velar os mortos falecidos por doenças contagiosas; b) para celebrar missas.

Foi Zeferina Maria Gonçalves da Cunha, viúva de José Inácio da Cunha, que, por caridade, mandou construir a suas custas, a igreja. A capela foi inaugurada no dia três de abril de 1881 no fim do corredor principal do cemitério das elites (figura 33).

Figura 33 - Fachada da capela do Senhor do Bonfim.
Fonte: Arquivo do autor

Essa edificação possui a fachada em estilo Romano, no seu interior havia altar com imagem, sacristia e sala de vestir. O local se situou entre as catacumbas das Irmandades do Santíssimo Sacramento e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. A capela ficou pronta no ano de 1880 e foi dedicada ao Senhor do Bonfim.

Dona Zeferina Cunha, que doou a capela, reservou um local à direita da grande porta de entrada desta, onde seria sepultada, fato que realmente aconteceu.

Figura 34 - Cúpula da capela do Senhor do Bonfim
Fonte: Arquivo do autor

Atualmente a igreja teve suas portas e janelas lacradas com paredes de tijolo em razão aos constantes arrombamentos e invasões, tal atitude infelizmente não resolve os problemas do local que há décadas está abandonado, com avançado estado de degradação, e sofrendo a ação do tempo, o telhado está desabando, com muitas infiltrações, as paredes estão cheias de pixações, e com o reboco soltando. O chão está podre, ainda restam alguns bancos originais, também muito estragados, mas que dão uma visão parcial do quanto o local era belo. Somente a cúpula do altar (figura 34) ainda conserva um pouco do que fora um dia, conforme foto acima.

3.3 – As Irmandades Católicas em Pelotas

As irmandades eram o agrupamento de várias pessoas de fé católica para exercícios espirituais. Segue-se a seguir um breve histórico das irmandades que existiram em Pelotas a partir de 1812, pois as mesmas tiveram importante papel na organização e administração dos primeiros cemitérios que existiram na cidade.Os objetivos destas eram os seguintes:

> Acompanhar os cortejos fúnebres e enterrar os mortos;
> Assegurar atendimento religioso aos enfermos e rezar pela salvação de suas almas;
> Ajudar os irmãos nas dificuldades financeiras e de saúde, sobretudo na velhice desamparada;
> Congregar-se em torno da devoção do padroeiro;
> Ampliar o espaço do indivíduo para além do círculo familiar e inseri-lo na sociedade. (Códigos de Posturas, 1920)

Essas organizações, para serem reconhecidas, precisavam angariar recursos necessários à administração, e sustento dos ornamentos do altar da igreja, e realizarem festas dedicadas aos padroeiros. O trabalho deveria ser reconhecido pelas autoridades eclesiásticas e governamentais. Dentre as irmandades que existiram e que ainda existem em Pelotas citamos:

A Irmandade do Santíssimo Sacramento surgiu no ano de 1812, sendo a mais antiga da região. Ela teve importante participação na organização e administração dos primeiros cemitérios da região da atual Pelotas.

As primeiras necrópoles foram: Santa Cruz de 1812 a 1819; do fundo da Igreja Matriz de 1820 a 1825; da Rua do Passeio de 1825 a 1855 e, por fim, o início do cemitério do Fragata que surgiu em 1855 e funciona até os dias atuais. Todos esses espaços tiveram a influência dessa irmandade. Os túmulos localizavam-se à esquerda da capela do Senhor do Bonfim, cobrindo todo o paredão de gavetas. Ela já não existe mais.

A Irmandade de São Miguel e Almas foi criada no ano de 1819, por devotos que mandaram vir de Portugal uma imagem de São Miguel, a qual foi colocada no

altar da igreja. Posteriormente, esta mesma imagem, no ano de 1855, foi colocada na capela do cemitério da Rua do Passeio, quando ocorreu a epidemia de cólera. Esta irmandade continua existindo, ela está ligada ao asilo de idosos. Localizam-se as sepulturas em todo o paredão à direita de quem entra no cemitério das elites pelo portão lateral.

A Irmandade Nossa Senhora da Conceição foi fundada em 26 de novembro de 1820. A maioria de seus membros eram pessoas negras e pardas, livres ou cativos e tinham, como responsável, o negro João Pedro da Matta. Esses indivíduos obtiveram, do vigário e da Irmandade do Santíssimo Sacramento, um pequeno altar, na ainda modesta Igreja Matriz. No ano de 1821, a negra Felícia Maria da Conceição mandou vir uma imagem da Padroeira.

Esta comunidade tinha como objetivo ajudar os irmãos que empobrecessem e conduzir ao cemitério os falecidos.

Foi dissolvida em 30 de junho de 1917, quando doou à Santa Casa o terreno que possuía no cemitério e as respectivas catacumbas nele existentes. Seus membros solicitaram que fossem realizadas missas no dia da padroeira.

Existe em uma parede de um portão lateral do cemitério uma placa de agradecimento que diz:

> TRIBUTO DE GRATIDÃO Á IRMANDADE DE N. S. DA CONCEIÇÃO PELA DOAÇÃO QUE FEZ AO DISSOLVER-SE. Á SANTA CASA DE MIZERICORDIA DE PELOTAS DO TERRENO E DAS CATACUMBAS QUE POSSUIA NESTE CEMITÉRIO. PELOTAS,29 DE AGOSTO DE 1917.

Possui também o museu da Santa Casa de Misericórdia um livro que diz o seguinte:

> Contém este livro, que servirá para melhor se lançar o registro das catacumbas das Irmandades no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Pelotas 1 de julho de 1890, Irmandade Nossa Senhora da Conceição.

No mesmo livro, há o registro de 41 adultos mortos entre 1890 e 1894 e 72 crianças mortas entre 1890 e 1894.

Os túmulos desta irmandade situavam-se em todo o paredão à esquerda de quem entra no cemitério das elites pelo portão lateral.

Em 1829, um grupo de negros livres e cativos fundou a Irmandade Nossa Senhora da Assumpção e da Boa Morte. Trouxeram da cidade do Porto, em Portugal a imagem, e faziam festas no mês de agosto. No ano de 1853 ,o charqueador Manoel Daltro mandou vir da Bahia uma nova imagem da padroeira.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário surgiu no ano de 1831, composta de pessoas negras livres ou cativas. No mesmo ano da fundação, trouxeram de Portugal, uma imagem da padroeira que foi comprada com o dinheiro obtido de esmolas. Essa irmandade realizou festas até o ano de 1835.

Em 22 de março de 1932 foi construído um jazigo perpétuo para ossuário dos irmãos mortos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, constitui-se de um monumento em pedra representando um Cristo na cruz, foi erguido na administração que teve por presidente o Sr. José Gomes Falcão. Localizam-se os túmulos à direita da capela do Senhor do Bonfim cobrindo todo o paredão de gavetas.

A Irmandade São Vicente de Paula foi fundada em 1833 por Frederico Ozanan, possui no setor de sepulturas rasas (Campo Santo), um local fechado para o sepultamento dos idosos do asilo que possui esta organização. Ver foto ao lado (figura 35).

Atualmente somente três das irmandades ainda atuam dentro do cemitério que são a São Miguel e Almas e São Vicente de Paula que estão ligadas a asilos. E a Irmandade Nossa Senhora do Rosário que parece estar em processo de extinção.

Figura 35 - Portal da Irmandade S.V. de Paula

Fonte: Arquivo do autor

3.4 – Cemitério de Sepulturas rasas (Campo Santo)

Para os menos favorecidos economicamente, existe o cemitério de sepulturas rasas no fundo do cemitério chamado de Campo Santo (figura 36), onde se observa que a falta de recursos originou um descompromisso com a estética e a qualidade artística, ocorrendo grande variedade de estilos. Os túmulos são de materiais mais simples, não existindo uma estrutura organizada dos espaços e disposição dos túmulos.

Figura 36 – Campo Santo, cemitério de sepulturas rasas
Fonte: Arquivo do autor

Como cada um construiu seu túmulo de acordo com seus gostos e utilizaram os mais variados materiais, tal característica conferiu, ao local, uma semelhança com bairros de periferia, possuindo trilhas estreitas de acesso aos túmulos e maior aproveitamento dos espaços. Ás vezes, é preciso passar por cima de alguns túmulos para chegar a outros. Outra característica do local é o abandono, com o surgimento de mato e ervas daninhas que dominam as trilhas e espaços.

Na foto a seguir está o monumento da cruz localizado no Campo Santo de sepulturas rasas para as pessoas colocarem velas e oferendas (figura 37).

Figura 37– Monumento da Cruz
Fonte: Arquivo do autor

Dentre os muitos túmulos exóticos (figura 38), um se diferencia, pertence a um artista que faleceu na cidade, na placa há muito abandonada diz:

> RAÚL ESPINOSA. O. E. P. D. FALECIO A LA EDADE DE 27 ANÕS EL DIA 6 DE NOVIEMBRO DE 1918. LA COMPAÑIA DE OPERETAS LA GIOVANISSIMA OFERECE ESTE RECUERDO ETERNO.

Figura 38 – Túmulo de artista
Fonte: Arquivo do autor

Neste local, a prática da exumação auxilia no rodízio da ocupação dos espaços, já que a retirada dos restos mortais da sepultura permite o armazenamento em ossuários, ocupando menos espaço e dando lugar a outro corpo. Enfatiza-se que o caixão permanece em contato direto com a terra gerando uma decomposição mais rápida do que a praticada em gavetas.

Neste local, apesar do abandono, é possível encontrar em meio ao matagal túmulos de rara beleza, conforme a foto abaixo(figura 39).

Figura 39 – Túmulo em meio ao mato.
Fonte: Arquivo do autor

> O problema relacionado à limpeza – principalmente do Campo Santo – é um tormento para a administração todos os anos. Os familiares reclamam do descaso e são sempre informados que a responsabilidade da Santa Casa é com os corredores e o restante fica por conta dos proprietários ou familiares".Reclamações são muitas, mas solução ninguém traz" revelou um dos responsáveis pelo Cemitério. A Santa Casa já tentou diversas vezes resolver essa questão, mas o custo é elevado.(Diário Popular, novembro de 2003)

Este local constitui-se em um grande campo estando todo ocupado com túmulos, o “Campo Santo” como é designado pela administração local, é a origem do cemitério do Fragata, quando em 1855 o local foi usado para que fossem enterradas as vítimas da epidemia de cólera. Os corpos eram enterrados em sepulturas no chão e só poderiam ser retirados cem anos depois.

> Uma das partes mais antigas do Cemitério Ecumênico, datada de 1855, sucumbe ao abandono e a força da natureza. No Campo Santo, como é chamada, árvores brotam dos túmulos rachados ou violados, o mato reveste ou encobre boa parte deles e desfaz os corredores que então escondem lápides sob si. Pisar sobre elas é inevitável.(Diário Popular, setembro de 2003)

Com o passar do tempo algumas famílias foram desaparecendo e o local ficou abandonado. Árvores brotam dos túmulos rachados ou violados, o mato reveste ou encobre boa parte deles e desfaz os corredores que encobrem as lápides, onde pisar sobre os túmulos torna-se inevitável.

> Quem se dirigiu ao Campo Santo – na parte antiga, nos fundos – enfrentou grave problema: abelhas no matagal que escondia os túmulos. Uma mulher precisou ser levada ao Pronto- Socorro depois de receber várias picadas.(Diário Popular, novembro de 2003)

Segundo a Santa Casa o local funciona como um condomínio fechado, onde as catacumbas que foram compradas são responsabilidade dos proprietários e que estes devem fazer a limpeza de seus túmulos. Onde a Santa Casa responsabiliza-se apenas com os corredores. Alegam que há muita crítica, e que ninguém apresenta uma solução, onde até cães já foram usados sem resultados.

E assim o local continua com a aparência de abandonado devido ao mato que cresce entre os túmulos, fato que poderia ser resolvido com o uso de máquinas roçadeiras de cortar grama.

3.5 – Cemitério dos Alemães

O cemitério dos alemães (figura 40) também chamado de acatólico teve início no ano de 1898 quando a Santa Casa cedeu um quadro do terreno ao fundo do cemitério do Fragata, com saída para a Rua Bernardo J. de Souza.

Figura 40 – Portal de entrada Cemitério dos alemães
Fonte: Arquivo do autor

Ele está vinculado a Comunidade Evangélica São João situada no Parque D. Antônio Zattera, nº 250. Está comunidade evangélica luterana começou suas atividades em 1888, proveniente dos primeiros imigrantes alemães que chegaram a partir de 1824.

Nos livros de registros da Santa Casa de Pelotas, consta como primeiro registro oficial no local, o túmulo de Frederico Carlos Lang e sua família (figura 41) que adquiriram 9,30 m quadrados de terreno em 22 de julho de 1914.

Figura 41– Jazigo da família de Fredrich Carl Lang
Fonte: Arquivo do autor

O cemitério consiste em quatro blocos divididos por duas ruas de aceso, tendo ao fundo um monumento em forma de cruz.
À frente tem um portal com portão de ferro, e sendo este cemitério todo cercado com muros e grades.

> Um portão estreito separa o Campo Santo do Cemitério dos Alemães, onde estão os mausoléus familiares – obras de arte dignas de tombamento – e abre passagem para o contraste. “O quadro velho” resiste ao tempo por que um grupo de descendentes faz a manutenção. O que não conseguem impedir são as depredações, furtos de placas de bronze e violações. (Diário Popular, setembro de 2003)

O local possui alguns túmulos antigos de rara beleza, infelizmente o mesmo tem sido alvo constante de vândalos devido ao fácil acesso ao local, por ser no extremo fundo do grande cemitério do Fragata, e por não ter vigilância nenhuma, no período da noite túmulos são violados e depredados.

> São insuportáveis os atos de vandalismo que vêm ocorrendo no cemitério acatólico, mais conhecido como cemitério dos alemães. São túmulos quebrados, portões arrebentados e despachos colocados no local. O desrespeito é enorme e as autoridades devem tomar alguma providência. (Diário Popular, maio de 1983)

Praticamente todos os bronzes que existiam foram roubados. Abaixo vemos uma estátua em mármore que foi arrancada do pedestal e jogada ao chão, o que a deixou em pedaços (figura 42).

Figura 42 – Anjo quebrado no cemitério dos alemães
Fonte: Arquivo do autor

Um outro inconveniente é o constante acúmulo de oferendas no portão e no monumento da cruz.

> A colocação de despachos na parte evangélica do Cemitério São Francisco de Paula, também conhecida como “cemitério dos alemães”, no bairro fragata, tem ocasionado transtornos aos moradores daquelas proximidades. De acordo com a síndica do local Hilma Schafer, o problema é o odor liberado por galinhas, cabritos e porcos em estado de decomposição. Na semana passada, um despacho com 24 galinhas colocado no portão do cemitério impedia o acesso ao seu interior. (Diário Popular, março de 1995)

Atualmente este cemitério está com uma ameaça de ser simplesmente abandonado, já são poucas as pessoas que ainda se preocupam com a conservação do local, como a Srª Hilma Schafer, pois até mesmo a igreja São João já não consegue mais efetuar a manutenção do lugar devido ao vandalismo, onde tal igreja inclusive já adquiriu um novo cemitério num local mais protegido e longe do perímetro urbano.

3.6 – Cemitério dos Judeus

O cemitério dos judeus foi criado em 4 de agosto de 1933, num local bem afastado localizado ao fundo do grande cemitério do Fragata, com o acesso atual para a Rua Vidal de Negreiros, ao fundo do local. Antes de essa rua existir o acesso era por dentro do grande cemitério, e de difícil circulação, visto que para sepultarem seus mortos, passavam primeiramente pelo cemitério da elite, após pelo cemitério de sepulturas rasas; logo a seguir, o cemitério dos alemães e finalmente, no extremo fundo, o local que lhes coube. Abaixo vemos o antigo portão, hoje desativado localizado ao fundo do cemitério dos judeus (figura 43), o qual tinha acesso por dentro do grande cemitério do Fragata,

Figura 43 – Antigo portal do C. dos judeus
Fonte: Arquivo do autor

O local pertence a uma sociedade para pessoas de credo israelita, atualmente são mais de 150 pessoas enterradas, com aproximadamente 52 famílias associadas que contribuem mensalmente.

Por possuírem uma cultura diferente, o sepultamento dos judeus possui algumas características que o diferencia dos demais. Primeiramente a família faz o que chamam de lavagem do corpo (no cemitério existe um local para esse fim) onde o morto, recebe uma veste branca, chamada mortalha. Todos os sepultamentos são feitos no solo, as lápides que são colocadas um ano após o sepultamento, são de estilo variado, mas muito simples, as mais antigas possuem inscrições em hebraico, algumas poucas possuem fotografias, parece não ser costume colocar flores no local.

Esse espaço se diferencia dos demais, uma vez que não há decorações exageradas; é um local silencioso, muito limpo, está sempre fechado ao público em geral.

3.7 – Cemitério São Francisco de Paula

Foi no biênio de 1973-1974 que se assinou contrato com a firma CORTEL S/A(Comércio Rio Grandense de Construções e Urbanização) para a construção de um novo Campo Santo, a ser denominado de Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, que teria, inicialmente, duas capelas mortuárias de luxo, duas classe A e duas classe B, lancheria, ar condicionado, música ambiente e administração própria. Este local contou, inicialmente, com 1600 jazigos. Conforme escreve Nascimento (1987):

> Em 27-11-1976, inaugurou-se o cemitério Ecumênico S. Francisco de Paula em ato solene, presidido pelo Sr. Bispo Diocesano, D. Antônio Zattera, Reverendo Walter Antunes Braga, pela Igreja Metodista de Pelotas, Reverendo Samuel Kaiuma, pela igreja Episcopal do Brasil e Reverendo Douglas Wehmurh, pela Igreja São João, e com a presença de autoridades.(p. 14)

Passaram a ser construídos prédios de dois a três pavimentos (figura 44), feitos de concreto armado e tijolos, protegidos do sol, da chuva e com rampas para o acesso aos pavimentos superiores, como também capelas para velórios e locais de lazer, como bar e jardim. Quanto à decoração, esta foi ficando mais simples, possuindo, em sua maioria, uma tampa de mármore com inscrições em baixo relevo, foto e floreira.

A cidade continuou crescendo e houve uma urgência de ampliar esses espaços. Assim surgiu a nova e última fase ainda em construção no espaço localizado num lugar nobre, bem à frente da avenida, possuindo elevador, mais andares e com um melhor acabamento, e visual padronizado com tampas formando figuras geométricas.

Figura 44 – Portal secundário do cemitério vertical
Fonte: Arquivo do autor

4.0 - ESTUDO DE CASO

Neste capítulo, será abordado o estudo de caso,cujo instrumento para a coleta de dados foi a entrevista, realizada através de um roteiro com oito questões sobre o cemitério antigo. Participaram como entrevistados da pesquisa 20 pessoas que formam um grupo diversificado composto de um professor de Pedagogia, um professor de Fisiologia, dois funcionários do cemitério local, um professor de História, um de Geografia, sete professores de Artes, um professor de Dança, uma aposentada, uma professora de Filosofia, três Arquitetos e um comerciante.

Tais pessoas foram selecionadas por já terem expressado algum interesse na conservação do cemitério antigo seja com publicações escritas ou palestradas. Foram utilizados tabelas e gráficos para um melhor entendimento dos resultados obtidos com as entrevistas.

4.1 – O Instrumento de Pesquisa – a Entrevista e seus Resultados

O primeiro questionamento trata de como o entrevistado avalia o rápido processo de destruição dos cemitérios. As opções de respostas foram as seguintes:

Que é um processo inevitável, fruto dos tempos atuais, e que nada pode ser feito para interferir; Que esse processo de destruição pode e deve ser impedido; Não quer se manifestar; Outra resposta.

Com base nos resultados obtidos, foi desenvolvido o gráfico a seguir.

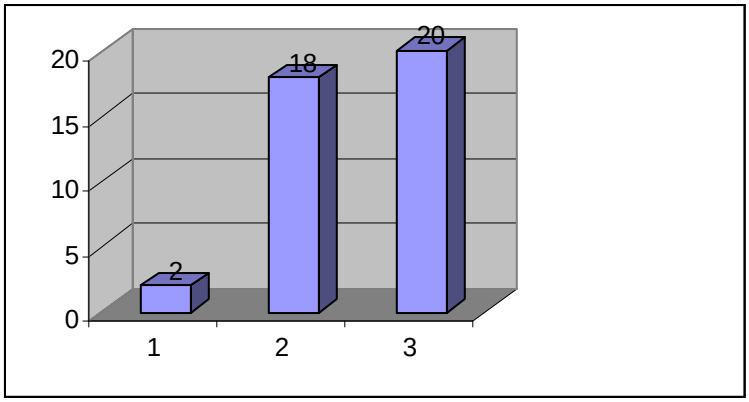


Gráfico 1 - como avaliar o rápido processo de destruição dos cemitérios

1 - Que é um processo inevitável, fruto dos tempos atuais, e que nada pode ser feito para interferir
2 - Que esse processo de destruição pode e deve ser impedido
3 - total

Observou-se que 90% dos entrevistados, consideraram que esse processo pode e deve ser impedido. Sendo que 10% consideraram que é um processo inevitável, fruto dos tempos atuais, e que nada pode ser feito para interferir.

É importante ressaltar que as duas pessoas que consideraram que o rápido processo de destruição dos cemitérios antigos é um processo inevitável, fruto dos tempos atuais, são pessoas que trabalham no cemitério e por já estarem acostumados com estas ações no local, e talvez por já terem tentado impedir de alguma forma o processo, e nem sempre alcançarem êxito, acostumaram-se com a situação.

Enfim considera-se que esse processo de destruição que ocorre em muitos cemitérios históricos deve ser impedido por meio de políticas públicas de preservação e pela conscientização das comunidades em considerar tais locais como patrimônio histórico e cultural de sua cidade.

A segunda questão avalia se o entrevistado considera importante que o município invista na divulgação do cemitério antigo como ponto turístico, assim como é feito em outros cemitérios famosos como o da Recoleta em Buenos Aires, e o Père-Lachaise em Paris. E se considera que pode ser feito aqui o mesmo procedimento.

Uma pessoa respondeu que não, oito pessoas responderam apenas sim, as demais responderam sim e deixaram sua opinião, conforme segue abaixo:

“Sim o cemitério antigo tem, ou tinha, pelo menos, obras de um grande valor artístico. Pena que esse material é desconhecido e desvalorizado”.(Entrevistado 5)

“Sim, mas precisa de incentivo e patrocínio de órgãos públicos, bem como a criação de um cargo público para a área.” (Entrevistado 8)

“Considero que o cemitério tem valor histórico e artístico e deve-se lutar para preservá-lo e transformá-lo num ponto turístico de Pelotas.” (Entrevistado 6)

“Com certeza. Antes disso deveria ser criada uma política de preservação dos túmulos e segurança do espaço.” (Entrevistado 2)

“Sim poderia, se houvesse pessoas e o município, de boa vontade, isso não seria impossível; porque em Porto Alegre e outras cidades não há este vandalismo, mas precisamos investir na divulgação para que todos saibam que existem cemitérios em abandono.” (Entrevistado 7)

“Sim, pois os cemitérios do Fragata são muito significativos para a memória coletiva da cidade.” (Entrevistado 11)

“Sim, pois a união da prefeitura com a comunidade poderia garantir uma política de revitalização do espaço, incluindo visitas monitoradas.” (Entrevistado 14)

“Pode ser feito um procedimento ou muitos, que se proponham a constituir o cemitério antigo como ponto turístico de forma que se chegue a um estado de valorização semelhante aos que se encontram os cemitérios citados.” (Entrevistado 15)

“Sim, embora o patrimônio mais significativo já tenha sumido.” (Entrevistado 18)

“É um trabalho que tem sua importância justificada uma vez que o cemitério é uma relevante fonte histórica e artística, muitas vezes marginalizada pela ausência de projetos que a contemplem junto à população. Sua valorização como ponto turístico é viável desde que haja incentivo e educação cultural na cidade, para que assim se possa preservar e reconhecer seus significados.” (Entrevistado 17)

“Sim porque é preciso preservar a história de uma cidade através de seu patrimônio, mas para isso é preciso de Educação Patrimonial e de Políticas Públicas Culturais.” (Entrevistado 12)

Através das respostas observa-se que a grande maioria 95% das pessoas considera viável que o município invista no turismo cemiterial, e apenas uma pessoa considerou não ser possível. Vê-se pelas respostas que os entrevistados consideram o cemitério um espaço cultural importante da cidade, apesar de muitos considerarem que o mesmo esteja muito deteriorado e abandonado.

Pelos resultados nota-se que, é importante que haja o investimento em educação patrimonial e principalmente de políticas públicas culturais, e incentivo dos órgãos públicos para que ocorra esse tipo de turismo na cidade.

Observa-se que o cemitério Per Lachaise em Paris, na França e o cemitério da Recoleta em Buenos Aires, na Argentina, são identificados como elementos que demonstram a história social e artística daquelas regiões, através da estatuária, das obras arquitetônicas, dos epitáfios e dos símbolos encontrados e analisados nos túmulos.Esses valorizam e exaltam a preservação desse imenso patrimônio público. Inclusive, conhecidos como “museus a céu aberto”.

O terceiro questionamento pergunta qual a opinião sobre a condição atual do cemitério antigo de Pelotas. As opções de respostas foram:

Excelente; Bom; Regular;Ruim.

30% considerou a alternativa regular, 70% considerou a alternativa ruim.

A partir dos resultados construiu-se o gráfico a seguir:

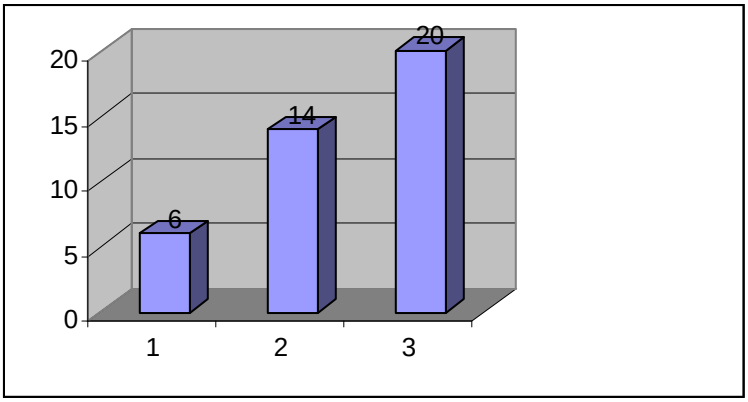


Gráfico 2 - qual a opinião sobre a condição atual do cemitério antigo de Pelotas

1 – Regular, 2 – Ruim, 3 – Total

Através do gráfico constatamos que 30% consideram regular o estado de conservação, e 70% considerou ruim a conservação do cemitério antigo.

É importante ressaltar que duas pessoas espontaneamente, também quiseram avaliar a situação de outros cemitérios do Fragata, considerando bom o estado de conservação dos cemitérios dos judeus e o dos alemães.

Nenhuma pessoa respondeu excelente ou bom. Através desta pesquisa considerou-se que o local está de ruim a péssimo na conservação dos artefatos funerários, pois as estátuas estão sendo roubadas e nada está sendo feito, os bronzes foram quase todos roubados, e pouco ou nada foi feito para mudar esta situação, sem falar no ataque de vândalos que quebram os túmulos por diversão.

Além das políticas públicas e de educação patrimonial, o cemitério necessita de maior proteção e vigilância tanto da Santa Casa como da empresa que administra o cemitério São Francisco de Paula.

A quarta questão pergunta quais processos considera importante para incentivar a preservação do Cemitério São Francisco de Paula, parte antiga, como patrimônio da cidade. As opções de respostas foram:

Ações de preservação; Catalogação; Preservação da integridade pelos proprietários; Tombamento; Outros.

Pelos resultados, foi elaborada a tabela a seguir:

Tabela 1 – Número de pessoas por processos de preservação

Tipos de processos	Número de pessoas	Percentual
Ações de preservação	6	30%
Catalogação	0	0%
Preservação pelos proprietários	2	10%
Tombamento	2	10%
Todas alternativas	10	50%
Total	20	100%

Nesta questão os entrevistados ficaram um pouco divididos entre as opções de respostas, 30% consideraram a importância das ações de preservação, as quais devem partir de políticas públicas de incentivo ao patrimônio cultural, 10% consideraram a preservação da integridade pelo proprietário, observa-se que muitos túmulos históricos e artísticos já não possuem mais famílias responsáveis pelos mesmos,nesses casos deveriam entrar em ação as ações de preservação.

Outros10% respondeu que o tombamento de túmulos seria uma solução, em Pelotas foram feitos tombamentos de vários prédios históricos, infelizmente essas ações não chegaram ao cemitério antigo. Fato que já esta ocorrendo em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

50% consideraram que todos os processos citados devem ser tomados, onde as uniões de ações de preservação, Catalogação, Preservação pelos proprietários e Tombamento vão permitir uma melhor conservação do cemitério antigo.

A quinta questão expõe o compromisso de Brasília de abril de 1970 o qual diz que é necessária uma legislação defensiva dos antigos cemitérios e especialmente dos túmulos históricos e artísticos. Relacionando o tema com o nosso cemitério antigo, perguntou-se ao entrevistado quem deveria se responsabilizar pela restauração e conservação dos artefatos tumulares antigos de Pelotas? As opções de respostas foram:

A População; O Proprietário; O Poder Público; Todos juntos.

5% consideraram a alternativa o proprietário, 15% consideraram a alternativa o poder público, 80% pessoas consideraram a alternativa todos juntos. Com os resultados foi montada a tabela a seguir:

Tabela 2 - Quem deveria se responsabilizar pela restauração e conservação dos artefatos tumulares antigos de Pelotas

Quais pessoas	Número de pessoas	percentual
A População	0	0%
O Proprietário	1	5%
O Poder Público	3	15%
Todos juntos	16	80%
Total	20	100%

A sexta questão pergunta Como o entrevistado avalia o comércio ilegal de arte cemiterial no Brasil? As respostas foram as seguintes:

> "Essa prática é um verdadeiro ato de vandalismo, portanto um crime contra o patrimônio cultural." (Entrevistado 18)
>
> "As pessoas só conservam o que lhes pertence, se não há uma educação patrimonial para que o povo entenda que o patrimônio de sua cidade faz parte da sua própria história – a educação será inevitável." (Entrevistado 12).
>
> "Este problema é um reflexo da fragilidade econômica do país, bem como da carência gerada pela falta de políticas públicas educativas que construam junto à sociedade, um olhar atento para a preservação do patrimônio cultural, é indispensável para o pleno desenvolvimento artístico da mesma".(Entrevistado 17)
>
> "Esse comércio por vezes (ou sempre) pode ser considerado contravenção ou crime. De uma maneira geral, os problemas que advém desse, afetam a sociedade em seus valores intrínsecos, no seu arcabouço de memória (há algo mais curto do que a morte? Há algo mais sério, portanto?)" (Entrevistado 15)
>
> "Uma situação que põe em risco o patrimônio cemiterial e a identidade histórica da população. É um ato criminoso que deve ser punido, ou passível de punição, no caso de não identificação dos criminosos." (Entrevistado 14)
>
> "É só encontrar as pessoas que compram esta arte cemiterial e colocá-los na cadeia, num trabalho sério e persistente" (Entrevistado 7)

> “Num país com tantas diferenças sociais e exclusão de grande maioria miserável materialmente, onde a educação (em geral) não contempla qualquer metodologia de ensino, e como não acontece o enfoque à educação patrimonial, é normal que, por necessidades e interesses diversos se processe tal procedimento.” (Entrevistado 2)
> “Uma situação lamentável. Isto mostra o descaso do poder público, o desinteresse dos parentes (proprietários dos túmulos) e a total apatia da população, que não sabe da existência desse problema e nem se interessa.” (Entrevistado 5)
> “Considero que deveria haver alguém do governo que se preocupasse.” (Entrevistado 10)
> “Uma vergonha, mas infelizmente é a realidade do Brasil” (Entrevistado 9)
> “Um descaso dos órgãos competentes.” (Entrevistado 19)
> “Um descuido da nossa fiscalização.” (Entrevistado 11)
> “Não posso avaliar por falta de conhecimento sobre o assunto.” (Entrevistado 20)
> “Um absurdo que deve ser combatido.” (Entrevistado 6)
> “Péssimo” (Entrevistado 6 e 13)
> “Triste e vergonhoso“ (Entrevistado 3).
> “Criminoso” (Entrevistado 6)

Sobre como o entrevistado avalia o comércio ilegal de arte cemiterial no Brasil, foram colocados por muitos dos entrevistados a falta de políticas públicas e educativas, a situação econômica do país e o descaso da população e do poder público.

A penúltima questão pergunta se o entrevistado já desenvolveu algum trabalho relacionado com o cemitério antigo de Pelotas e qual o enfoque deste trabalho.
As respostas foram as seguintes:

> “Sim como parte integrante da cidade de Pelotas” (Entrevistado 13)
> “Não realizei nenhum trabalho, somente orientei uma aluna da pós-graduação, cujo tema foi o cemitério, em geral, e alguns túmulos e suas esculturas.” (Entrevistado 6)
> “Um pequeno artigo” (Entrevistado 9)
> “Levantamento fotográfico do cemitério antigo, em duas oportunidades” (Entrevistado 5)
> “Sim um artigo sobre o cemitério antigo e um capítulo sobre o assunto em uma monografia de graduação.” (Entrevistado 18)
> “Sim , sempre que surge um problema grave, colocava uma nota no jornal. Surtia efeito para melhor, sempre era lido por muitas pessoas.” (Entrevistado 7)
> “Sim o resgate cultural de um catálogo digital de imagens.” (Entrevistado 14)
> “Não diretamente. Abordo a constituição da necrópole e os seus sentidos para o pensamento castilhista em um capítulo de minha tese de mestrado. Analiso uma foto do cemitério publicada no álbum de 22.” (Entrevistado 15)
> “Nas palestras que faço sobre patrimônio cultural, sempre falo dentre outros bens culturais, do cemitério local como sendo importante patrimônio da cidade.” (Entrevistado 12)

Esta questão teve por objetivo analisar o grau de interesse dos entrevistados com o cemitério antigo.

E finalmente com a última questão para dar um pouco mais de liberdade ao entrevistado foi solicitado que desse a sua opinião sobre o que deve ser preservado no cemitério antigo. As respostas foram:

> “As obras de arte, os túmulos históricos, os prédios.” (Entrevistado 18)
> “O cemitério antigo deve ser preservado em sua totalidade para que sua beleza seja estudada e a partir daí apreciada, isto é, contextualizada historicamente para a construção de novos saberes e conceitos educativos na área de conservação patrimonial.” (Entrevistado 17)
> “Primeiramente, a organização do espaço, a avenida que percorre os dois campos, e terminam na capela todos os elementos decorativos dos

túmulos, esculturas, materiais como conjunto, é o cemitério que nos aponta a organização dos vivos, seus valores e as soluções que encontraram para se manter sobre a morte, no passado.” (Entrevistado 15)

“O conjunto escultórico em sua totalidade, incluindo a manutenção do espaço que está deveras abandonado.” (Entrevistado 14)

“Tudo, mas também é necessário que os proprietários arrumem seus túmulos. Que a Santa Casa faça limpeza nas áreas de circulação e principalmente que tenha guardas que caminhem pelo local.” (Entrevistado 7)

“Toda a ala antiga, as estátuas, os mausoléus históricos, as fontes , a igreja, o cemitério dos alemães.” (Entrevistado 8)

“Todos aqueles elementos que registrem a cultura, arte, economia, ideologia da cidade, da época. Não somente das classes privilegiadas, mas também daqueles menos favorecidos.” (Entrevistado)

“Praticamente tudo. As estátuas e jazigos nos dão um grande exemplo de um tipo de arte que não é mais feito. Um período histórico da arte é ali expressado.” (Entrevistado 5)

“As obras de arte, as esculturas, etc..” (Entrevistado 9)

“Toda sua estrutura, principalmente as estátuas, mausoléus, fontes e a igreja.” (Entrevistado 19)

“Deve ser preservado tudo o que se refere e está no local”. (Entrevistado 12)

“Pode ser feito um roteiro sobre os vários túmulos que ali estão , e ser contado aos visitantes um pouco da história de Pelotas.” (Entrevistado 11)

“Não conheço quase nada do cemitério antigo, por isso fica difícil afirmar. Mas acredito que tudo que tenha valor patrimonial e histórico deve ser preservado.” (Entrevistado 6)

“Deve ser preservado todos os túmulos por razões respeitosas, porém, aos túmulos históricos e artísticos deve ser dada uma atenção especial por fazerem parte da história do local.” (Entrevistado 20)

“Devem ser preservadas todas as obras de arte.” (Entrevistado 1)

“Os túmulos históricos e artísticos.” (Entrevistado 3)

“Portões, túmulos, estátuas, estrutura espacial e limitar intervenções. (Entrevistado 2)

Enfim esta pesquisa baseada em entrevistas representou mais um pequeno passo em busca da conservação dos artefatos funerários do cemitério antigo de Pelotas, que corresponde ao período do final do século XIX até primeira metade do século XX.

Observou-se pelas entrevistas que tem crescido o número de pessoas interessadas com a preservação da arte funerária da cidade, e evidenciou-se a importância de ações de políticas públicas de preservação e conscientização das comunidades em considerar tais locais como patrimônio histórico e cultural.

4.2 - AS DIFERENTES UTILIZAÇÕES DOS CEMITÉRIOS EM PELOTAS

A visita a um cemitério sempre se constituiu numa atitude solene e revestida de tristeza. A lembrança do ente querido ali sepultado sempre evoca sentimentos de saudade, dor e compaixão.(figura 45) O dia dois de novembro, popularizado como "dia dos finados" motiva que os cemitérios tornem-se grandes campos floridos, tal a determinação de muitos em, de alguma forma, prestar um tributo anualmente àquela pessoa amada que teve, naquele pedaço de solo, sua última morada terrena.

Figura 45 – Jazigo da família de Joaquim Kramer
Fonte: Arquivo do autor

O Brasil, sendo um país em desenvolvimento, possui um rápido crescimento demográfico e muitos problemas sociais. Os espaços urbanos crescem num ritmo acelerado, a cada ano surgem novas cidades, novos bairros e loteamentos irregulares. Diante disso, o que fora outrora os limites da cidade, tornou-se em bairros periféricos.

Os cemitérios geralmente são construídos nos limites das cidades; como elas crescem, acabam ficando encravados dentro de bairros e se tornam, muitas vezes, espaços de lazer, pois geralmente, nesses bairros periféricos, não são planejados espaços como praças. Dessa forma, vários grupos passam a freqüentar os cemitérios em busca de lazer e variados fins. Sobre o tema Rezende (2000) deixa claro que:

> Os cemitérios situam-se nos limites da cidade. Os maiores são os mais recentes e os mais periféricos. Eles representam durante certo tempo o papel de fronteira da cidade, constituem uma zona de isolamento, depois são bruscamente ultrapassados, cercados pelo crescimento de novos bairros.(p. 19)

Evidentemente, a maioria que vai aos cemitérios, o faz para enterrar seus mortos, render-lhes homenagens, levar flores, acender velas; enfim, matar a saudade do ente falecido. Mas existem outros freqüentadores com inusitados modos de usar esses espaços.

Dentre os usos especiais, pode-se destacar: as práticas religiosas; o lazer, os que usam drogas, os que utilizam o local como área para reflexão; e aqueles que vão para roubar.

Sobre os diversos grupos que freqüentam o cemitério à noite, podem-se citar as pessoas que buscam o local para consumir drogas, por ser sossegado e por proporcionar uma “viagem maior”.

Encontram-se também os umbandistas que buscam o local para colocar oferendas; alguns fazem sacrifício de animais como galinhas e bodes.

Figura 46 – Oferendas no túmulo
Fonte: Arquivo do autor

A prática de atividades religiosas dentro do cemitério causam muitos problemas devido ao constante acúmulo de oferendas dentro de túmulos (figura 46) e nos portões e corredores de acesso.

Outro grupo, é o dos góticos (figura 47) que cultuam o mórbido; estes buscam uma introspecção, uma busca do diferente, usam roupas pretas, e acessórios como cruzes e caveiras.

Figura 47 – Freqüentadores noturnos do cemitério de Pelotas
Fonte: Internet

Há aquelas pessoas que buscam esse espaço para namorar ou até fazer sexo.

Outras pessoas se encaminham ao cemitério para tomar chimarrão, por inusitado que parece, há um indivíduo que vai ao local freqüentemente, escolhe um túmulo para sentar, e fica curtindo o seu mate com a “atmosfera local”.

Há também aquelas pessoas que para lá se dirigem a fim de roubar peças de bronze como molduras, letras, alças, elementos decorativos e até estátuas com o objetivo de vender o produto em ferros velhos.

Há aqueles que invadem o local à noite, com o objetivo de roubar peças artísticas como estátuas antigas, que, infelizmente, rendem um bom lucro no mercado negro de obras de arte.

Da mesma forma, existem pessoas que encontram, nessa área, proteção para moradia, como um mendigo que freqüenta o local, dormindo dentro dos mausoléus, e tendo como companheira apenas sua garrafa de cachaça, para esquecer os problemas da vida.

Figura 48 – Túmulo violado
Fonte: Arquivo do autor

Em alguns locais muitos túmulos foram violados(figura 48), tendo os restos mortais espalhados, dando ao local uma funesta imagem de abandono.

E, finalmente, existem aquelas pessoas que, por se sentirem desprovidas de dignidade e cidadania, revoltam-se com a sociedade e invadem o local à noite para destruir tudo que podem, quebrando estátuas, violando túmulos e efetuando pichações.

4.3 - DESTRUIÇÃO E ROUBO UMA CARACTERÍSTICA DA ATUALIDADE

Nunca o cemitério foi tão depredado e sofreu tantos ataques como no período atual; no mínimo, cinqüenta por cento ou mais das peças de bronze, desde letras, molduras, fotos em porcelana, cruzes, anjos, e até peças maiores, como bustos, medalhões são roubados para serem vendidos em ferros velhos.

A ação do tempo também acarreta muitas perdas como a estátua ao lado que caiu do pedestal devido a ventos fortes (figura 49).

Quanto as estátuas de mármore, estas também continuam sendo atacadas de todas as formas, quebradas por vandalismo ou roubadas para serem vendidas em antiquários, abaixo a esquerda vemos a estátua ainda em cima do pedestal, e na figura ao lado a mesma caída no chão em pedaços (figura 50).

Figura 49 – Estátua quebrada pelo vento
Fonte: Arquivo do autor

Figura 50 – Estátua vandalizada
Fonte: Arquivo do autor

Esclarece-se que, ao se efetuar uma pesquisa informal em antiquários da cidade, foram localizadas duas estátuas de anjo em mármore, com todas as características de serem de cemitérios.

> O desaparecimento de qualquer bem cultural deveria, por solicitação do Estado que o reclamasse, ser levado ao conhecimento do público, através de uma publicidade adequada.(Cartas Patrimoniais, 2000: 102)

A falta de proteção e vigilância é outro fator fundamental, pois o cemitério antigo só possui vigilância nos períodos da manhã e tarde, sendo que a mesma é bastante falha, pois abrange todos os outros cemitérios adjacentes, também ficando o local no intervalo de meio dia completamente à disposição de vândalos.

Na foto abaixo vemos algumas esculturas (figura 51) que não se sabe por que motivos foram retiradas de seu local de origem e colocadas em um depósito do cemitério, usado para guardar restos de caixões, ocorreu que o local foi arrombado e incendiado, causando a danificação destas peças, que continuaram abandonadas no local.

Figura 51 – Anjos queimados por incêndio.
Fonte: Arquivo do autor

A poluição visual das cidades também acaba sendo transferida para os cemitérios com pichações. Os ataques podem ser vistos também como um tipo de protesto, por parte daquelas pessoas que se sentem marginalizadas ou desprovidas dos direitos de cidadania.

Quanto ao roubo de estátuas dentro do cemitério, tal fato não prejudica apenas as famílias lesadas, mas toda a sociedade, pois trata-se do patrimônio cultural de toda a sociedade. Na foto abaixo (figura 52) vê-se o jazigo fotografado em 1997 ainda completo com três estátuas, e ao lado uma foto atual, onde resta apenas uma estátua as outras duas foram roubadas, ficando apenas a marca na base assinalando o local onde estavam assentadas.

Figura 52 – Estátuas de mármore roubadas

Fonte: Arquivo do autor

Por sua vez a falta de interesse dos órgãos como policia civil e militar é outro fator importante, uma vez que as famílias que sofreram depredações e roubos em seus túmulos alegam ser inútil dar queixa nestes serviços, e que pouco ou nada é feito para resolver a situação. Tal circunstância não ocorria em décadas anteriores, quando se efetuavam investigações e localizavam-se os envolvidos.

> Quem assalta as sepulturas de modo tão selvagem? Os vândalos! Serão êles, porém, os principais responsáveis pela devastação do cemitério onde a vigilância só seria possível se a visitação fosse controlada e os acessos clandestinos guarnecidos? Creio que não. Esses marginais são pivetes e adultos frustrados pela amargura da vida. Moralmente mal-formados, nascidos em famílias desajustadas ou miseráveis. São gente infeliz que rouba para obter três ou quatro reais e matar a fome do dia ou comprar a ilusão de um cigarro de maconha. Os verdadeiros iconoclastas são os vampiros, os receptadores ladinos que, por migalhas arrebanham aquilo que honra os mortos. Arrancando com ganância, algum lucro ínfimo e infame”.**(**Diário Popular, 5 outubro de 2003, Vitor Russomano.)

Observa-se que o roubo de esculturas e objetos de bronze -para serem comercializadas ilegalmente, - coopera para a perda irreparável dessas obras que fazem parte do patrimônio artístico nacional, abaixo vemos o jazigo da família de Plotino Duarte, que teve seu túmulo depredado onde a estátua em broze (figura 53) importada da Itália com quase dois metros, foi roubada, tratava-se de uma figura feminina depositando flores ao túmulo, a foto ao lado foi tirada quando a mesma ainda ocupava seu local, de origem, hoje com certeza já foi fundida por algum ferro velho clandestino.

Figura 53 – Jazigo da família de Plotino Duarte
Fonte: Arquivo do autor

Salienta-se o fator de, atualmente, não existir uma produção voltada exclusivamente para a arte cemiterial. Poucos artistas dedicam-se a essa atividade, principalmente depois da criação dos cemitérios-jardim e cemitérios verticais onde a presença do mausoléu, com sua grandeza e requinte, está praticamente extinta. Também devido ao alto custo das construções, já não existem famílias interessadas em sepultar seus mortos com a nobreza de outros tempos.

Na seqüência de fotos abaixo se vê três etapas de fotos tiradas em 1997, 2004 e 2005. Na primeira a escultura está ainda intacta, na segunda foi quebrada por vândalos, e na terceira, foi restaurada pela família proprietária, infelizmente esse bom exemplo é visto raramente no local (figura 54).

Figura 54 – Três etapas

Fonte: Arquivo do autor

Constata-se que a febre por jazigos e capelas de mármore (figura 55) durou até a década de 30. Com a quebra da Bolsa de Nova York e a crise do café, as pessoas passaram a construir túmulos mais simples. Nos anos 40, as marmorarias decidiram conquistar novos mercados. Hoje o mármore é muito usado na parte de arquitetura e decoração de casas.

Um fator que leva à presença cada vez mais escassa de túmulos monumentais é o alto custo dos materiais como o mármore, ferro e bronze, além da quase inexistência de artistas que se dediquem a esse tipo de trabalho. Resta-nos, portanto, lutar para preservar essas verdadeiras obras de arte que ainda subsistem, começando por reconhecer o seu inestimável valor estético.

Figura 55 – Capela de mármore

Fonte: Arquivo do autor

> Durante muito tempo só se protegeram e restauraram os monumentos mais importantes, sem levar em conta o ambiente em que se inserem. Ora, eles podem perder uma grande parte de seu caráter se esse ambiente é alterado. Por outro lado, os conjuntos, mesmo que não disponham de edificações excepcionais podem oferecer uma qualidade de atmosfera produzida por obras de arte diversas e articuladas. É preciso conservar tanto esses conjuntos quanto aqueles.(Cartas Patrimoniais, 1995: 246) manifesto de Amsterdã 1975.

Evidencia-se, portanto, ser inadiável ocorrer uma efetiva intervenção pública, com a criação de leis que beneficiem o patrimônio dos artefatos funerários e que exista mais divulgação do patrimônio como bem de todos.

Educar o povo para a conservação do bem patrimonial mostra-se importante; caso contrário em poucos anos, nada mais restará da bela arte funerária que um dia existiu na cidade de Pelotas.

4.4 - CEMITÉRIO ANTIGO VERSUS CRESCIMENTO VERTICAL

O cemitério antigo das elites foi, por muito tempo, considerado o principal Campo Santo de Pelotas; teve seu apogeu no final do século XIX, e início do XX, quando a cidade ostentava um considerável poder econômico (figura 56).

Muitos túmulos suntuosos e ricamente adornados foram construídos. Mas, infelizmente, esse período acabou. Embora a cidade tenha passado a ter novas atividades, a economia decaiu, e as pessoas já não se interessavam em sepultar seus mortos com o luxo que até então era costume.

Figura 56 – Vista superior do cemitério das elites

Fonte: Arquivo do autor

Diante disso, década após década, o velho cemitério foi perdendo espaço para túmulos mais simples e mais econômicos. Ele foi paulatinamente sendo abandonado e seus detalhes artísticos, com sua arquitetura foram aos poucos, sendo deteriorados pelo tempo e pelos ataques de vândalos.

Vale ressaltar que a cidade também se ampliou e surgiram novos espaços para sepultar os mortos. Em virtude disso, o aproveitamento dos espaços tornou-se essencial, surgindo o cemitério vertical.

Esse novo cemitério recebeu lugar de honra, bem à frente do antigo. Recebeu também, todo um serviço de atendimento ao público, como capelas, banheiros, elevador e serviço de segurança.

A nova fase inovou na modernidade, com túmulos padronizados, formando mosaicos com as lápides, e dando aos que passam pela rua a impressão de apenas mais um edifício moderno. Nas lápides de pedras padronizadas são colocados poucos acessórios, somente um pequeno vaso metálico, que também é padrão em todos os túmulos, recebe a identificação da pessoa e uma foto de tamanho reduzido. Esse local tem vigilância vinte e quatro horas, visto que as capelas velam os mortos em todos os horários.

> A transformação da morte em mercadoria é cada vez mais recorrente, em São Paulo é realizado anualmente uma feira funerária onde são oferecidos diversos produtos e serviços, como: caixão com controle remoto, velório personalizado consórcio funerário, entre outros.(Rezende, 2000: 97)

Nesse contexto, o cemitério antigo vai, aos poucos, convertendo-se em lembranças do passado. Passa a ser visto mais como fonte de pesquisa, onde são identificados elementos que demonstram a história social e artística, através de estatuarias das obras arquitetônicas, e dos símbolos encontrados nos túmulos.

Hoje se busca a preservação desse espaço público que, de certa forma, acabou se transformando em um museu a céu aberto.

> Valorizar um bem histórico ou artístico equivale a habilitá-lo com as condições objetivas e ambientais que, sem desvirtuar sua natureza, ressaltam suas características e permitem seu ótimo aproveitamento.(Cartas Patrimoniais, 1995: 132) normas de Quito 1967.

Enfatiza-se que o município de Pelotas deveria demonstrar maior interesse em preservar o cemitério da Santa Casa, seja pelo seu valor histórico, como artístico.

> Cada geração dá uma interpretação diferente ao passado e dele extraem novas idéias. Qualquer diminuição desse capital é, portanto, mais um empobrecimento cuja perda em valores acumuladores não pode ser compensado, mesmo por criações de alta qualidade.(Cartas Patrimoniais, 1995: 247) Manifesto de Amsterdã 1975.

Assim sendo é necessário que leis sejam criadas para proteger o acervo, bem como para assegurar maior proteção, seja com cercas elétricas, seja com mais guardas ou até mesmo adotando alternativas mais drásticas, limitando o acesso a horários estipulados, e com visitas controladas. Lembra-se que o novo cemitério, como divulga a mídia, possui vigilância vinte e quatro horas, áreas protegidas da chuva e elevador; portanto por que não estender esta proteção ao restante do cemitério, pois apesar de tais espaços serem separados por portais e muros, fazem parte de um único e grande cemitério.

> A restauração é uma operação que deve ter caráter excepcional. Tem por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos.(Cartas Patrimoniais, 2000: 93)

Dentre as poucas leis brasileiras que beneficiam os cemitérios, cita-se a política de proteção aos monumentos, chamada Compromisso de Brasília, de abril de 1970, que assevera:

> 1º Encontro dos Governadores de Estado, Secretários Estaduais da Área Cultural, Prefeitos de Municípios Interessados, Presidentes e Representantes de Instituições Culturais. Os Governadores de Estado presentes ao encontro promovido pelo Ministério da Educação e Cultura, para o estudo da complementação das medidas necessárias à defesa do patrimônio histórico e artístico nacional; os Secretários de Estado e demais representantes dos governadores que, para o mesmo efeito, os credenciaram; os prefeitos de municípios interessados; os presidentes e representantes de instituições culturais igualmente convocadas, em união de propósito, solidários integralmente com a orientação traçada pelo Ministro Jarbas Passarinho, na exposição por sua excelência feita ao abrir-se a reunião, e manifestando todo o apoio à política de proteção aos monumentos, à cultura tradicional e à natureza, resumida no relatório apresentado pelo diretor do órgão superior, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN){ atual IPHAN}, a quem incumbe executá-la, e nas recomendações que nele se contêm, do Conselho Federal de Cultura, decidiram consolidar, através de unânime aprovação, as resoluções adotadas no documento ora por todo subscrito e que se chamará Compromisso de Brasília.
>
> Urge legislação defensiva dos antigos cemitérios e especialmente dos túmulos históricos e artísticos e monumentos funerários; E por terem assim deliberado, considerando os superiores interesses da cultura nacional, assinam este compromisso.Brasília, 3 de abril de 1970.

Observa-se que o cemitério vertical (figura 57) recebe total atenção e proteção por ser altamente rentável, constata-se ainda que há divulgação pela mídia (televisão, radio, jornal), oferecendo jazigos com lápides padronizadas em até 36 vezes fixas (um túmulo custa em média, quatro mil reais).

Assim é importante que as construções tumulares contemporâneas, as quais possuem todas suas adequações aos novos tempos, convivam pacificamente e em harmonia com as construções tumulares do passado. São manifestações diferentes, que evidenciam diferentes períodos de uma sociedade.

Foram melhorias indispensáveis que acompanharam a evolução da sociedade, mas tais mudanças ocasionaram certo descaso com os túmulos feitos no passado, onde os responsáveis parecem se preocupar apenas com as

sepulturas que oferecem retorno econômico, esquecendo a arte cemiterial antiga rica, em detalhes e permeada de história, que sofre com a depredação e o abandono.

Essas novas construções as quais produz capital e retorno econômico, deveriam propiciar a manutenção e conservação daqueles espaços que não oferecem mais retorno econômico, mas que são a expressão de um período. Uma outra alternativa seria fomentar o turismo dentro da ala antiga, revertendo o capital na conservação do local.

Sendo o cemitério antigo um local que já não oferece quase lucro para os administradores, acaba ficando em segundo plano, e até mesmo menosprezado; portanto facilita-se que a ação do tempo e dos vândalos acelere o rápido processo de destruição do local. Julga-se relevante analisar, ainda, uma injustificável valorização do novo em detrimento do abandono do antigo. Essa é uma situação que precisa ser mudada por meio de conscientização da relevância de se preservar a cultura, as tradições, enfim, a história de uma comunidade. Não por acaso, despreza-se o antigo, apagando marcas que deveriam ser indeléveis.

Figura 57 – Vista do cemitério vertical

Fonte: Arquivo do autor

CONCLUSÃO

No Brasil a maioria dos cemitérios não acompanharam o crescimento populacional, e a organização tumular ficou comprometida. Outro fator que contribui para a degradação da arte cemiterial brasileira é o estado lamentável de conservação das obras e das necrópoles.

Principalmente nos mais antigos, peças de inestimável valor histórico e artístico estão sendo destruídas pela ação do tempo e do vandalismo. O roubo de esculturas e objetos de bronze -para serem comercializadas ilegalmente- também acarretam a perda irreparável dessas obras que fazem parte do patrimônio artístico nacional. Atualmente, não existe uma produção voltada exclusivamente para a arte cemiterial.

Por sua vez parece não existir uma apreciação dessas áreas, mas uma concepção que relaciona os cemitérios a algum aspecto negativo. Nesse contexto, as visitas limitam-se ao dia de finados e outras ocasiões esporádicas. A beleza das imagens e formas que adornam os jazigos é ignorada, e os cemitérios tornam-se apenas um depósito de cadáveres.

Mas com o passar do tempo, os cemitérios ganharam um outro papel na história social, além daquele tradicional depositário dos finados, a partir da análise em um cemitério é possível identificar o tecido social e as estruturas sociais de uma cidade. Isto é, embasando-se nas construções e na qualidade dos túmulos, é possível identificar-se o nível econômico da população.

Com a grafia dos nomes nas lápides, reconhecemos a predominância étnica na localidade, permitindo, assim, conhecer as principais famílias que compõem a comunidade.

É por essa possibilidade de ter os cemitérios como instrumentos colaboradores da interpretação da história social, particularmente da História da Família e da Genealogia, que cada vez mais esses locais de quietude e paz tornam-se importantes pontos de visitação dos historiadores e pesquisadores.

Com as entrevistas obtidas no estudo de caso constatou-se que os entrevistados concebem o cemitério antigo de Pelotas, como fonte histórica e artística de Pelotas, devendo o mesmo ser preservado, consideram também ser

de vital importância que ocorram políticas públicas de preservação com o incentivo e patrocínio de órgãos públicos e privados onde a melhor garantia de conservação de monumentos e obras de arte do cemitério local vem do respeito e do interesse do próprio povo, considerando que esses sentimentos podem ser grandemente favorecidos por uma ação apropriada dos poderes públicos, onde também, os educadores habituem a infância e a juventude a se absterem de danificar os monumentos, com a existência de educação cultural e patrimonial que deve ser iniciada nas escolas, e meios de comunicação que divulguem essa arte, para uma melhor conscientização das comunidades para conceberem este patrimônio cultural como seu.

> A garantia mais eficaz de conservação dos monumentos e obras do passado reside no respeito e dedicação que lhes consagram os próprios povos e certa de que tais sentimentos podem ser enormemente favorecidos por uma ação apropriada.(Conferência Geral da UNESCO, Nova Delhi, 1956. Cartas Patrimoniais, pg. 69)

Nesta concepção, a pesquisa representou mais um passo na busca pela conservação e impedimento do processo de abandono do cemitério antigo. Inclusive, alguns consideram como algo natural, e que nada pode ser feito para impedir que a arte funerária de Pelotas continue sendo dizimada.

Ainda alegam ser um fator dos tempos atuais, da crise econômica e utilizam várias outras desculpas para nada fazerem. Na verdade, acreditam que aquele local não oferece mais retorno econômico.

Entretanto, sendo Pelotas uma cidade culturalmente, muito rica, a sociedade não pode continuar inerte assistindo impassível, às esculturas serem roubadas para posteriormente serem vendidas no mercado negro, ver seus bronzes serem vendidos como vã matéria prima, e seus mármores quebrados por vândalos.

> Considerando que a degradação ou o desaparecimento de um bem do patrimônio cultural e natural constitui um empobrecimento nefasto do patrimônio de todos os povos do mundo (Cartas Patrimoniais, 2000: 177)

É absolutamente necessário dar um basta. Felizmente, hoje se constata que um pequeno passo foi dado, visto que a administração do local colocou cerca elétrica em volta da ala antiga, e as aberturas em excesso que permitiam o acesso aos vândalos profanadores, foram fechadas. Mas só isto ainda não é o suficiente, é decisivo que as pessoas ligadas ao patrimônio cultural, como historiadores, jornalistas, arquitetos, artistas, geógrafos, escritores comecem a divulgar mais o local. Assim quem sabe conseguir-se-ão patrocínios para pequenos restauros, como a capela do Senhor do Bom-Fim que está para desabar.

Além do mais, o município também poderia investir significativamente em algum tipo de turismo no local, porque túmulos de ilustres da cidade não faltam, entre eles, charqueadores, nobres e artistas de renome.

Não se pode aceitar que, a história que muitos monumentos tumulares contam sobre o passado de nossa cidade seja esquecido, com seu desaparecimento, uma vez que eles são o registro de uma época.

Não se pode esquecer que o Egito vive hoje do turismo, onde as pessoas vão visitar túmulos e conhecer e admirar arte tumular. Dessa forma, esse passado deve ser preservado para as gerações futuras.

Enfim, conclui-se afirmando que a análise do passado permite que se avaliem as diferenças entre passado e presente e se retomem as raízes de um povo. Pois apesar da aparência fúnebre e toda tristeza típica, esses lugares são acervos de cultura, arte e histórias curiosas e belas carregadas de simbolismo e permeada dos mais diversos sentimentos.

BIBLIOGRAFIA

ARRIADA, Eduardo**. Pelotas Gênese e Desenvolvimento Urbano**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). **Pesquisa Participante**. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Os Caminhos da Reflexão sobre a Cidade e o Urbano**. São Paulo: 1994.

CARLOS, Ana Fani**. A Cidade.** São Paulo:Contexto, 1992.

CHIZZOTI, António. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

Código de Posturas de Pelotas. Revista do Primeiro centenário de Pelotas, 1920

CUNHA, Alberto Coelho da. **Antigualhas de Pelotas**. Pelotas: s/ed, volume 1, 1978.

CURY, Isabelle. Organizadora **Cartas Patrimoniais**, 2ª edição. IPHAN, Rio de Janeiro:2000.

DA SILVA, Sergio Roberto, Viviane Saballa. **Pelotas: a Arte Imortalizada**, editora e gráfica universitária. Pelotas: 1998.

DEMO, Pedro**. Pesquisa: Principio Cientifico e Educativo.** 3ed. São Paulo: Cortez, 1992.

DIÁRIO POPULAR, 28 de setembro de 2003

DIÁRIO POPULAR, 5 de outubro de 2003

DIÁRIO POPULAR, sexta feira, 31 de março de 1995.

DIÁRIO POPULAR, Terça feira, 4 de novembro de 2003

GUTIERREZ, Judite Bendjoya. **Barro e Sangue, Mão de Obra Arquitetura e Urbanismo em Pelotas (1777-1888).** Pelotas: editora e gráfica universitária ufpel. 2004.

Livro Cemitério de receitas e despesas 1855 a 1873.

Livro das Catacumbas Nossa Senhora da Conceição.

Livro das Entradas do Hospital e do Cemitério 1855 a 1868.

Livro Movimentos de Enfermaria da Santa Casa de Pelotas 1874 a 1883.

MAGALHÃES, Mário Osório. **História e tradição da cidade de Pelotas**. 3ª edição, editora Armazém Literário. Pelotas:1999

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e cultura na Província do Rio Grande do Sul: Um estudo sobre a cidade de Pelotas (1860-1890).** Pelotas: Editora da UFPEL, 1993.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Os Passeios da Cidade Antiga: Guia Histórico das Ruas de Pelotas.** 2ed. Pelotas: Armazém Literário, 2000.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Pelotas Século XIX. Pelotas**. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 1994.

MAGALHÂES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória**, edição especial.1992

MAGALHÃES, Nelson Nobre. **Pelotas Memória**, fascículo I. 1989.

MASCARÓ, Juan Luís. **Desenho Urbano e Custos de Urbanização**. 2.ed. Porto Alegre: Editora D. C. Luzzatto, 1987.

MATTOS, Mário Barbosa. **Pelotas Essência do Mundo em Pequeno Universo.** Pelotas: Editora da UFPEL, 2000.

MINAYO, Cecilia de S. (ORG**.) Pesquisa Social Teoria, Método e Criatividade.** São Paulo: Vozes, 1994.

MOREIRA, Ângelo Pires. **Pelotas na Tarca do Tempo, Município até o eclodir da Revolução Farroupilha.** S.ed .Pelotas:1989 volume 2

MOREIRA, Ângelo Pires. **Pelotas na Tarca do Tempo, Primeiros Tempos e Freguesia**. S.ed. Pelotas:1988 volume 1

MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, desenvolvimento e perspectivas.** 2ed. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1982.

NASCIMENTO, Eloísa Assunção. **Arcaz de Lembranças.** Pelotas: Editora Martins Livreiro, 1982.

NASCIMENTO, Eloísa Assunpção. **História da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas**. S/ed. Peltas:1987

NEGRAES, Edith de Carvalho. **O Livro dos Mortos do Antigo Egito**, Editora Hemus. Tradução de 1982

PELOTAS, Universidade Federal. Pró Reitoria de Extensão. **Lendo Pelotas/ Pesquisa de Renato Luiz Mello Varoto e Leonor Almeida de Souza Soares.** Pelotas: ed. Da Universidade, 1988.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da Morte Necrópole da Vida, Um estudo Geográfico do Cemitério de Vila Formosa.** Editora Cartago. São Paulo: 2000

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-1821**; tradução de Leonan de Azeredo Penna. Editora Itatiaia. São Paulo: 1974

TELLES, Leandro Silva. **Manual do Patrimônio Histórico**, universidade de Caxias do Sul: 1977.

ANEXO 1

ANEXO 2

Até o final do século XVIII, apenas uma pequena povoação esparsa definia o lugar que, após a virada deste, seria criada por alvará de 7 de julho de 1812, a Freguesia de São Francisco de Paula.

Depois de determinado o local, em outubro de 1812, não tardou a dar-se início ao levantamento da igreja, nas terras de Antônio Francisco dos Anjos, ocorrido em fevereiro de 1813, juntamente com o padre Felício Joaquim da Costa Pereira, que tomaram a vanguarda na construção dos alicerces da mesma. Partindo dessa premissa, os moradores do povoado determinaram o local de assentamento do cemitério, conhecido por Santa Cruz, que se localizava na rua das Fontes, atual Barroso, esquina com a rua do Passeio, atual avenida Bento Gonçalves. O primeiro óbito ali ocorrido foi em outubro de 1812, encomendado pelo padre Felício.

A Irmandade do Santíssimo e Padroeiro, responsável pelo cemitério, resolveu fechá-lo em 31 de dezembro de 1819, tendo este servido por sete anos, dois meses e 11 dias. Nesse período de tempo, havia nele 225 corpos, sendo que as pessoas mais abastadas eram enterradas no próprio interior da igreja, que até então contava com 75 corpos, inclusive o do padre Felício, falecido em 25 de outubro de 1819.

Outro cemitério foi aberto, desta vez junto a igreja (fundos), cujo terreno foi murado e alinhado a fim de ordenar as catacumbas, o que resolveria o problema da distância para os encomendamentos e o término dos sepultamentos no interior deste primeiro templo.

O novo campo, inaugurado em 1º de janeiro de 1820, durou cinco anos, dois meses e 13 dias, isto é, até 13 de março de 1825, quando mais oito corpos foram sepultados no interior da igreja. O cemitério foi demolido e seu material aproveitado na construção da capela-mor. Com seu fechamento, houve necessidade de um outro, cujo terreno compreendia as ruas do Passeio (frente - atual avenida Bento Gonçalves), rua da Vigia (fundos - atual Argolo), a leste, com a rua Augusta (atual Osório) e a oeste, com a rua das Flores (atual Andrade Neves). Por três décadas cumpriu sua missão, ou seja, até 1855, ocasião em que o Cólera Morbus, que vitimou populações, chegou a Pelotas. Em 1870 ou 1871, foi demolido, e os despojos mortais nele existentes foram transportados para o Cemitério da Santa Casa.

Por portaria de 11 de junho de 1852, a Presidência da República ordenou o levantamento de um novo cemitério público, para o qual teria desapropriado um terreno indicado pela Câmara Municipal, que a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas deveria tomar posse com tal objetivo. A partir de 1854, utilizaram-se os carros fúnebres puxados a cavalo, para o transporte dos defuntos, devido à longa distância que separava o centro da cidade do cemitério da Santa Casa. Este costume caiu em desuso em 1976, sendo entregues à Prefeitura, destinados ao acervo de um Museu Municipal.

Com a posse legal do campo santo e a chegada da terrível moléstia, o Cólera Morbus, mais catacumbas, foram sendo construídas e ergueram-se cercas de taipa, visto que neste cemitério havia, desde 1850, 3.580 pessoas livres e 1.933 escravos, num total de 5.513 dos quais 1.270 foram sepultados gratuitamente.

No ano de 1855, pelo mesmo motivo, os moradores do então segundo distrito improvisaram um cemitério, no terreno da Freguesia de Santo Antônio da Boa Vista, obrigando-se a sepultar às pressas os habitantes daquela localidade, que por vezes, sem vigário, transportavam os falecidos para ser enterrados no Cemitério da Santa Casa. Mais tarde, o cemitério da Boa Vista transferiu-se para próximo ao Colégio Agrícola Visconde da Graça.

Em 1918, chegou a Pelotas uma gripe pneumônica, a Espanhola, que, como o Cólera Mórbus, vitimara centenas de pessoas, provocando um novo aumento do número de catacumbas no Cemitério da Santa Casa.

Passado mais de um século da criação do cemitério, em 1975, a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas assinou contrato com a Cortei S/A, para construção de um novo campo santo, em frente ao antigo, denominado "Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula", inaugurado em 27 de novembro de 1976, com seis capelas mortuárias, 928 jazigos e serviço de bar.

Em nossos dias, Pelotas possui apenas dois cemitérios, sendo eles o da Boa Vista e o Ecumênico São Francisco de Paula, abrigando restos mortais de grande número de pessoas e constituindo parte da história pelotense.

CARRUAGENS históricas que transportavam os esquifes até os cemitérios à frente dos cortejos fúnebres

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1) Como você avalia o rápido processo de destruição dos cemitérios antigos?

A( )Que é um processo inevitável, fruto dos tempos atuais, e que nada pode ser feito para interferir.
B( )Que esse processo de destruição pode e deve ser impedido.
C( )Não quer se manifestar.
D( )Outra resposta

2) Você considera importante que o município invista na divulgação do cemitério antigo como ponto turístico, assim como é feito em outros cemitérios famosos como o da Recoleta em Buenos Aires, e o Père-Lachaise em Paris? Você acha que pode ser feito aqui o mesmo procedimento?

2) Considerando que a degradação de um bem do patrimônio cultural contribui para o empobrecimento de um povo. Qual sua opinião sobre a condição atual do cemitério antigo de Pelotas?

A( ) Excelente
B( ) Bom
C( ) Regular
D( ) Ruim

3) Quais processos você considera importante para incentivar a preservação do Cemitério São Francisco de Paula, parte antiga, como patrimônio da cidade?

A( ) Ações de preservação
B( ) Catalogação
C( ) Preservação da integridade pelos proprietários
D( ) Tombamento
E( ) Outros

4) O compromisso de Brasília de abril de 1970 diz que é necessária uma legislação defensiva dos antigos cemitérios e especialmente dos túmulos históricos e artísticos. Relacionando o tema com o nosso cemitério antigo, quem você considera que deveria se responsabilizar pela restauração e conservação dos artefatos tumulares antigos de Pelotas?

A( ) A População
B( ) O Proprietário
C( ) O Poder Público
D( ) Todos juntos

6) Como você avalia o comércio ilegal de arte cemiterial no Brasil?

7) Você já realizou algum trabalho escrito ou palestrado que se relacionasse sobre o cemitério antigo de Pelotas? Qual o enfoque deste trabalho?

8) De a sua opinião sobre o que deve ser preservado no cemitério antigo.

ANEXO 4

FORMAÇÃO DE PELOTAS

Diziam os antigos que os indígenas rio-grandenses usavam uma canoa de couro para a travessia dos rios, e que a teriam batizado de Pelotas, daí teria se originado o nome da futura cidade. Hoje existe uma nova versão a qual diz que o nome Pelotas tem origem marroquina, o que era desconhecido pelos primitivos. Mas indígena ou marroquino, o certo é que o Arroio Pelotas recebeu o nome da embarcação que era freqüentemente utilizado em sua travessia.

Os primeiros habitantes de Pelotas tinham origem dos ilhéus Açorianos e Madeirenses, vindos do Rio Grande, e principalmente da Colônia do Sacramento após passarem treze anos em conflitos com os espanhóis. A origem do sítio urbano de Pelotas ocorreu a partir do estabelecimento de diversos charqueadores que se fixaram às margens do arroio Santa Bárbara e Canal São Gonçalo.

Pelo fim do século XVIII, nada havia a indicar um agrupamento urbano, somente existiam várias estâncias espalhadas pelas margens dos arroios Pelotas, Santa Bárbara e Moreira, e pelas várzeas do São Gonçalo.

De acordo com ARRIADA (1994), originalmente Pelotas foi dividida em sete sesmarias: Feitoria, que pertenceu a Paulo Rodrigues Xavier Prates; Pelotas, Thomaz Luiz Osório; Monte Bonito, Manuel Carvalho de Souza; Santa Bárbara, cujo primitivo dono não se conheceu, sendo o segundo possuidor Teodoro Pereira Jacomé; São Tomé, Manuel de Carvalho; Pavão, Rafael Pinto Bandeira; Santana, Felix da Costa Furtado. Sobre a sesmaria que originou Pelotas.

Sobre Pelotas, Nascimento, (1982) diz o seguinte:

> Em 1758, parte da região, onde floresceria o futuro município de Pelotas, constituiu a sesmaria do oficial de dragões, Coronel Thomaz Luiz Osório, por carta de doação de dezoito de junho, passada por Freire de Andrade, Conde de Bobadela, governador do Rio de Janeiro, e capitão-general das capitanias do sul. (p. 11)

Depois de recuperado o Rio Grande e estabelecida a paz com os espanhóis, a população da campanha misturou-se aos soldados que pediam baixas do serviço militar e fixavam-se em sesmarias concedidas pelo governo. Foi o período em que houve a maior tomada de posses de estâncias no interior, muitas vezes desordenadas, porque muitos queriam ser estancieiros. A esse respeito Arriada (1994) esclarece que:

> O primeiro povoador desta região foi Luiz Gonçalves Viana, que em 1719, desceu de Laguna fazendo parte do grupo de povoadores chefiados por João de Magalhães .... Luiz Gonçalves Viana estabeleceu-se antes de 1763 no lugar onde está hoje a cidade de Pelotas, em um rincão situado entre os arroios Pelotas e Santa Bárbara. (p. 25)

A prática de colonização foi marcada por doações de imensas extensões de terras, geralmente privilegiando pessoas ligadas à administração pública ou militar que se destacaram na luta contra espanhóis. Essas terras foram, a princípio usadas para a criação de gado, ficando a agricultura em segundo plano. Foram os imensos rebanhos bovinos que marcaram o início da economia no Rio Grande do Sul, com o surgimento das primeiras charqueadas.

Em 04 de junho de 1779, a viúva D. Francisca Joaquina de Almeida Castelo Branco, vendia a Estância do Laranjal, à dona Isabel Francisca da Silveira, a qual desmembrou em cinco fazendas, Graça, Palma, Galatéia, Sá e Laranjal. E em 06 de novembro de 1821, dona Isabel Francisca da Silveira vende um trecho de terra à margem esquerda do Arroio Pelotas a José Pinto Martins que havia chegado do Ceará, onde possuía comércio de carne seca. Este fundou seu estabelecimento de charque.

Por essa época, o charque não era desconhecido na região sul, onde já haviam charqueadas, mas foi a de Pinto Martins que teve maior expressão econômica, resultando na fundação da indústria saladeiril no Rio Grande do Sul. Assim, novos mercados de trabalho começaram a surgir, como capatazes,tropeiros, graxeiros, sangradores, entre ouros.

Até o surgimento das charqueadas, na região sul, criava-se o gado em estado selvagem, este não tinha expressão econômica; só se aproveitava dele o couro e o sebo, o resto era quase todo jogado fora.

A denominação de charqueada provém do charque. Uma vez morto e esfolado o gado, arrancava-se à carne dos flancos, numa só peça larga; o animal era esquartejado e seus pedaços colocados uns sobre os outros na bacia, onde eram impregnados de salmoura. Ao fim de 24 horas, eram estendidos sobre os varais em que permaneciam oito dias, caso ocorresse bom tempo. Não se podia conservar por mais de um ano, e o produto era exportado para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Havana, onde servia de alimento para os escravos. Sobre isso Magalhães (1981) diz o seguinte:

> Em 1814, recém estabelecidas as primeiras charqueadas, era de homens de cor quase a metade da população de Pelotas. Para um total de 2.719 habitantes, havia 1.226 escravos. (p.24)

Existiam galpões cobertos de palha, varais para estender a carne salgada, e alguns tachos de ferro para a extração da gordura dos ossos, por meio de fervura em água. O sebo era lavado e usado para produzir pães; a ossada era queimada, e as cinzas usadas para aterrar; o pouco que restava, era jogado fora.

Cada charqueada possuía senzala, capela, galpão para o abate, graxeira, currais, varais e o trapiche sempre pronto para receber os navios que levavam as pilhas de charque para vender. Segundo Saint-Hilaire (1974)

> Nas charqueadas, os negros são tratados com rudeza. O Sr. Chaves, tido como um dos charqueadores mais humanos, só fala aos seus escravos com exagerada severidade, no que é imitado por sua mulher; os escravos parecem tremer diante de seus donos. (p. 73)

A necessidade de escravos para o trabalho nas charqueadas determina o surgimento de grandes concentrações de negros em São Francisco de Paula. A charqueada de Pinto Martins foi um fator social muito importante na criação da freguesia, onde as charqueadas tiveram papel crucial no desenvolvimento e

posterior urbanização de Pelotas. Trouxeram não só a riqueza, mas o adensamento populacional, uma vez que cada grande charqueada contava, pelo menos, com mais de cem pessoas. Diante disso, estavam criadas as condições materiais e sociais para o nascimento da futura cidade. Assim de acordo com Cunha (1978)

> Passou a ser de competência dos negros o serviço de cozinha; lhe coube a lavagem e o engomamento de roupas, toda a limpeza e a arrumação da casa. A gente branca, descansando sobre o braço escravo, cessou de trabalhar, habituando-se desde logo, tão somente a mandar.(Antigualhas, p. 204)

Havia, pela época, três opiniões sobre onde deveria ser erguida a igreja, pois já começava a existir um pequeno agrupamento urbano na região; um grupo preferia que fosse localizada na Estância de D. Isabel Francisca da Silveira, hoje Laranjal; um segundo grupo queria que se localizasse onde hoje se encontra o Asilo de Órfãs; e o último grupo era de parecer que fosse construída nas terras do capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos, local onde está localizada hoje a Catedral. Ocorrendo discussões, o Padre Felício, com o capitão-mor Antônio Francisco dos Anjos resolveram começar as obras em terras de sua propriedade.

Por alvará de sete de julho de 1812, do príncipe regente D. João, foi criada a Freguesia de São Francisco de Paula, e a dezoito do mesmo ano, ereta a capela, por provisão do Bispo Dom José Caetano da Silva Coutinho.

Foi mandado que servisse de igreja provisória o oratório de Nossa Senhora da Conceição existente na fazenda de Sant`Anna do Pavão, de propriedade do Padre Pereira da Costa, sendo nomeado primeiro vigário o Padre Felício Joaquim da Costa Pereira que veio da Colônia do Sacramento. Este tomou posse em 13 de outubro do referido ano; neste mesmo, deu-se início a construção da capela.

A igreja tinha treze metros e vinte de comprimento por seis metros e sessenta de largura, e foi por esse ponto de referência que a cidade se expandiu.

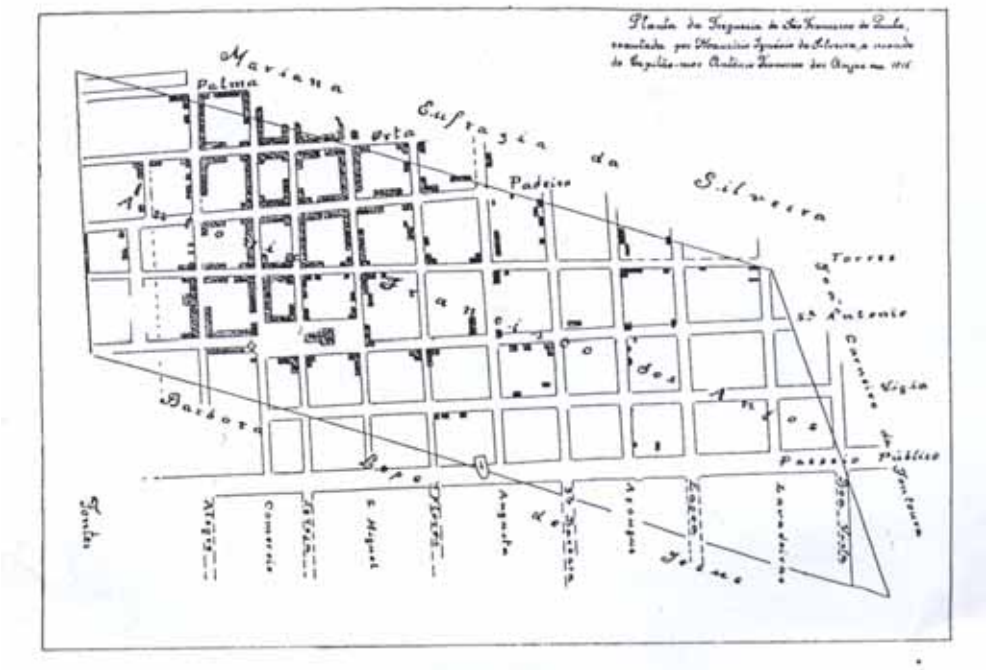
Faltando uma imagem do padroeiro, alguns moradores provenientes da colônia do Sacramento, lembraram de uma imagem de São Francisco de Paula que um antigo morador da Colônia do Sacramento havia levado para Mostardas e,

a mantinha em sua casa. Essa imagem foi solicitada, e foi cedida por Antônio Gomes Moreira, apelidado de “o Colônia”.

Chegando à nova freguesia, a imagem foi colocada no altar provisório, na moradia dos coqueiros, onde o padre Felício celebrou a primeira encomendação de morto com todas as formalidades do ritual católico.

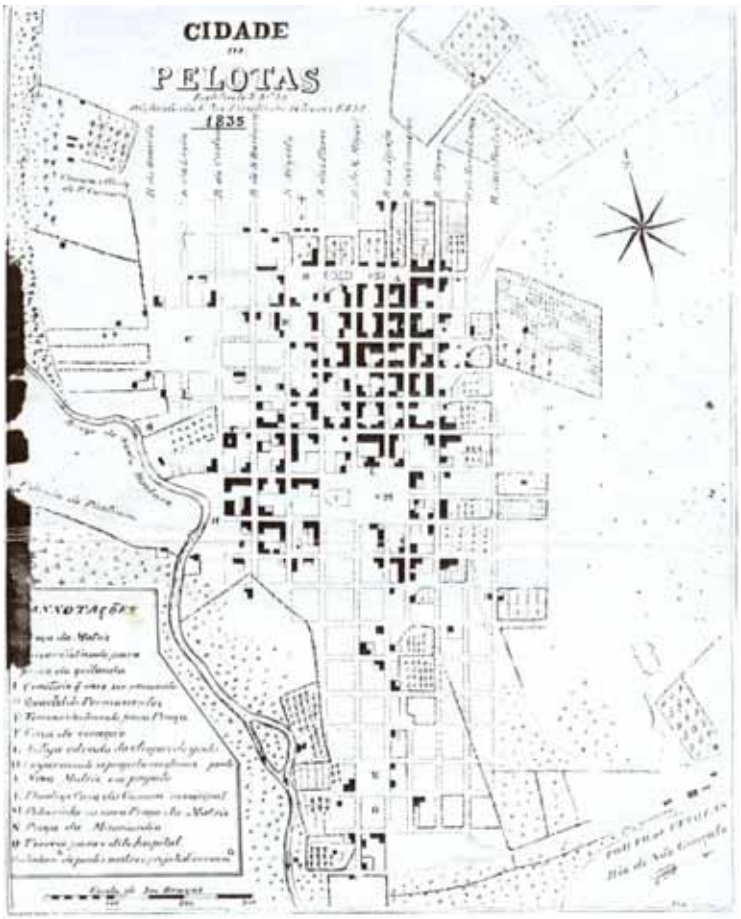
> Antes do povoado ser elevado à freguesia, os moradores davam-lhe gracejo o nome de Freguesia dos Tamancos -, pois era de uso geral e quase obrigado esse calçado por causa dos inúmeros charcos nos trilhos de passagem. (Códigos de Posturas, 1912)

Em março de 1815, foi confeccionada a primeira planta (quadro 3), com dezenove ruas bem alinhadas, em formato de tabuleiro de xadrez, fato que definiria o traçado da futura cidade.



Quadro 3 – 1ª Planta de Pelotas 1815
Fonte: Magalhães, M. O. 1994: 88

O aniversário de Pelotas é comemorado no dia sete de julho, porque nesta data, no ano de 1812, a região foi elevada à freguesia, com a denominação de São Francisco de Paula. Por lei de 27 de junho de 1835, São Francisco de Paula era elevada à condição de cidade, com o nome de Pelotas (quadro 4).



Quadro 4 – 2ª Planta de Pelotas 1835
Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas

Após algumas condições mínimas de urbanização, em 1815 foram feitos os primeiros planos urbanos. Então os charqueadores constroem suas moradias no centro que se urbanizava , fato que ocorria nos períodos em que não funcionavam as charqueadas.

Foi entre os anos de 1813 e 1814 que começaram a surgir às primeiras moradias com pretensão a um povoado, que ocorreu nas imediações da Igreja

Matriz, pois até então a população se encontrava adensada nas margens do arroio Pelotas.

Era sempre próximo de uma igreja que os povos daquele tempo construíam os primeiros agregados humanos, sob os braços da cruz. Era na igreja que se consolidavam os direitos de família, desde o nascimento, casamento e morte. Era ela uma representação de pátria e de família, era pela pia batismal que se adquiria a cidadania para participar da sociedade da época.

As Antigualhas apontam que em 1817 foi feito o primeiro recenseamento, somando 2419 pessoas, sendo 712 brancos, 105 índios, 232 negros livres e 1226 negros cativos, ou seja, a maioria; os brancos somavam 29,44 por cento; observou-se que os indígenas acabaram se mesclando à população.

A nova cidade crescia rapidamente, chegando ao início do século XX como um importante centro econômico e social. Pelotas, no ano de 1880, já era o centro de uma região produtiva e ligada diretamente a países da Europa. Inclusive a cidade estava recebendo o telefone, como importante inovação. O município, nessa época, evidenciava-se um próspero centro de produção e exportação de charque (carne salgada), atividade iniciada na região pelo final do século XVII. Ainda sobre o processo de urbanização Magalhães (1994) esclarece que;

> Em 1853, um relatório da Presidência da Província já registra a existência, na zona rural, de 38 charqueadas e de 37 olarias. No centro urbano, a construção do mercado é concluído nesse mesmo ano. Em 1855, inaugura-se o cemitério da Santa Casa (fundada há sete anos), no bairro Fragata, prolongamento da saída de acesso à campanha, na direção oeste. (p.76)

Nessa conjuntura, os charqueadores, enriquecidos desde o início do século, vão aos poucos se transferindo das margens do Canal São Gonçalo para a nova localidade, construindo sobrados de arquitetura européia (figura 5), que possuíam um estilo próprio a arquitetura neo-renascentista um estilo consolidado entre 1861-1879.

Salienta-se que onze charqueadores pelotenses receberam título de nobreza, dez entre 1872 e 1888, as duas últimas décadas do Império brasileiro, mas charqueadores ou não, houve, ao todo, 15 barões, dois viscondes e um conde. Observa-se que poucos, dentre eles, possuíram título acadêmico, o que coube aos seus filhos que puderam se dedicar aos estudos nos grandes centros culturais da época, muitos estudaram em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Estados Unidos e Europa, contribuindo para o futuro desenvolvimento cultural que a cidade obteria.

Figura 5 – Sobrados de arquitetura européia
Fonte: Arquivo do autor

A fundação da primeira charqueada data de 1779; o fechamento do Banco Pelotense é do ano de 1931, foram mais de 150 anos de opulência. De 1860 à 1890, a cidade conheceu um grande crescimento material e intelectual, quando conviveram paralelamente, os desejos da manutenção do prestígio intelectuais, com a perda da liderança econômica.

Entre 1890 e 1930, com uma certa estagnação econômica, Pelotas deixa de ser um núcleo quase exclusivo da produção de produtos pecuários que havia sido no século XIX. Abolida a escravidão, surgem os frigoríficos, e o charque deixa de ser importante. Diante disso, Pelotas vai se dedicar a outros produtos como o arroz e as frutas; chegava ao fim um período de riqueza. Entretanto, dá-se início a uma fase de grande euforia sócio-cultural, com artistas que se destacavam na música, Zola Amaro; nas artes, Leopoldo Gotuzzo, e na literatura, Simões Lopes. Era esse o período que correspondeu à chamada “Belle Epoque” pelotense.

Enfim, riqueza, opulência, refinamento, elegância, cultura e até aristocracia foram conceitos que muitos autores utilizaram, com freqüência, para caracterizar a Pelotas antiga que enriqueceu com a produção do charque.